

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM LITERATURA PORTUGUESA**

CAROLINA REGINA MORALES

**Em busca do Paraíso vazio: a transgressão feminina em *O Primo Basílio* de
Eça de Queirós**

SÃO PAULO

2010

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM LITERATURA PORTUGUESA

**Em busca do Paraíso vazio: a transgressão feminina em *O Primo Basílio* de
Eça de Queirós**

Carolina Regina Morales

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós Graduação em Literatura Portuguesa da
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências
Humanas para obtenção do título de Mestre em
Letras.

**Orientadora: Profa. Dra. Aparecida
de Fátima Bueno**

São Paulo

2010

Dedicatória

Dedico este modesto trabalho a todos aqueles que, a despeito de todas as pedras no meio do caminho, ainda se dedicam a valorizar o conceito (por vezes tão abstrato...) de Educação.

Agradecimentos

Primeiramente, à minha família e à minha orientadora, sem as quais nada seria minimamente possível.

À Universidade de São Paulo, por viabilizar este estudo, que é também uma tentativa de retribuição ao seu investimento em mim.

Aos meus queridos amigos que, ao longo do percurso iniciado ainda durante a graduação, contribuíram de muitas formas: desde idéias, sugestões e revisão de textos até ajuda para digitar ensaios, presença e apoio em eventos.

Aos meus professores na Pós Graduação e à Fundação Eça de Queirós, por proporcionarem cursos repletos de novas idéias e abordagens que enriqueceram sobremaneira meu trabalho, bem como os membros da banca, por avaliarem-no

À CAPES, sem o apoio da qual este trabalho ter-se-ia desenvolvido em condições mais árduas, e ao Instituto Camões por facilitarem uma breve porém proveitosa pesquisa em solo lusitano.

Por fim, a todos os leitores e pesquisadores que, corajosamente, ainda insistem em se debruçar sobre a obra queirosiana, não obstante a imensa fortuna crítica já existente sobre a mesma.

Resumo

A dissertação possui como objetivo desenvolver uma análise de *O Primo Basílio* de Eça de Queirós com ênfase na configuração da personagem Luísa, bem como na conduta da própria ao longo do enredo, evidenciando seu caráter transgressor ante a sociedade aburguesada lisboeta da segunda metade do século XIX. Proceder-se-á, ademais, a uma leitura situando as críticas contemporâneas e posteriores à publicação da obra em 1878 sobre esses aspectos do romance.

Palavras-chave: Eça de Queirós, *O Primo Basílio*, Luísa, Portugal, Século XIX.

Abstract

This work aims to present an analysis of *Cousin Basilio* by Eça de Queirós regarding more attentively the character of Luisa, as well as her behavior during the action, showing her rule-breaker role upon the Lisbon bourgeois nineteenth century society. Also, shall be proceeded an exploration of these particular matters in the contemporary and posterior criticism about this subject of the book.

Keywords: Eça de Queirós, *Cousin Basilio*. Luísa, Portugal, XIX Century.

Resumen

Este trabajo se propone a desarrollar un análisis de *El Primo Basilio* de Eça de Queirós basado en la configuración del personaje Luisa, así como su forma de portarse a lo largo de la acción, deslindando su carácter transgresor en frente a la sociedad burguesa de Lisboa de la segunda mitad del siglo diecinueve. A la vez, igualmente se presentará una lectura ubicando la crítica de la época y posterior acerca de esos aspectos particulares de la obra.

Palabras clave: Eça de Queirós, *El Primo Basilio*, Luísa, Portugal, Siglo XIX.

Sumário

Resumo.....	5
Introdução.....	9
1. Panorama literário e recepção crítica da obra.....	13
1.1 Cientificismo e experimentalismo.....	13
1.2 Recepção crítica do livro: reverberações.....	21
1.3 O <i>Primo Basílio</i> em meio às temáticas e “evolução” da ficção queirosiana.....	25
2. Acaso <i>versus</i> controle: a dialética do fado.....	33
2.1 Inércia e manipulação.....	33
2.2 O acaso e os veículos da peripécia: a carta.....	38
2.3. O alvo da peripécia: a figura da mulher.....	41
3. A sanção moral e religiosa na sociedade oitocentista portuguesa.....	54
Considerações finais.....	74
Bibliografia.....	80

Introdução

*Ó gente de minha terra
Agora que eu percebi
que esta tristeza que trago
Foi de vós que recebi
Mariza, “Ó Gente de Minha Terra”*

Mais de cem anos decorridos após a morte de Eça de Queirós, sua obra segue despertando interesse de público e de estudiosos. Entre seus romances, *O Primo Basílio* certamente possui longa tradição de fortuna crítica que, no entanto, não limita ou impede novas possibilidades de leitura. O presente trabalho visa elucidar a maneira como são contemplados, no romance, temas recorrentes da literatura produzida no século XIX, tais como: o livre-arbítrio, a busca da ascensão social, a realização/frustração dos anseios íntimos, a formação e educação da mulher - bem como suas consequências na respectiva sociedade -, a repressão e a sanção moral e religiosa ao instinto sexual feminino (tópicos igualmente presentes na fortuna crítica centrada primordialmente na análise da personagem Luísa), e tendo, ainda, em mente o caso específico de Portugal, nação cuja sociedade encontra-se envolta em uma aura de religiosidade e sanção moral bastante peculiares em relação ao contexto europeu em geral, com represálias decorrentes de dogmas católicos e valores de comportamento social algo arcaicos, ambos profundamente enraizados na cultura lusitana oitocentista.

A questão da mulher, ou antes da personagem feminina, é um tópico chave no que concerne à literatura portuguesa da época. Não por casualidade, duas das maiores obras (dentre romances e folhetins) em voga no século XIX em Portugal têm como

personagens centrais figuras femininas¹ – são elas: *Maria, não me mates que sou tua mãe!* (1848) de Camilo Castelo Branco e *A Virgem da Polônia* (1947), do Conselheiro Bastos. Se pensarmos no contexto europeu, esta tendência abrange desde autoras vitorianas consagradas, como as irmãs Bronte e Mary Elizabeth Brandon, até escritores primordialmente engajados à reforma da sociedade, a exemplo de Tolstoi (*Ana Karênina*, 1877) e Gustave Flaubert (*Madame Bovary*, 1857).

O próprio Eça de Queirós, tanto em seus romances quanto em ensaios jornalísticos, referiu-se à questão educacional da mulher e à sua configuração na obra literária de forma recorrente. Em artigos cuja autoria pode ser atribuída unicamente a ele (presentes em *Notas Contemporâneas*² e *Uma Campanha Alegre*³) e outros escritos em cooperação com Ramalho Ortigão (que podem ser encontrados em *As Farpas*⁴), temos amplas e por vezes acaloradas discussões voltadas sobre o assunto. Da mesma forma, a correspondência do autor de Póvoa do Varzim com Teófilo Braga concede destaque no que concerne ao assunto.

Publicado em meio a uma sociedade aburguesada que se propunha europeia – não apenas geograficamente, mas também no sentido de “civilizada”, em oposição a “bárbara”, conceito muito em voga no século XIX - e que contudo apresenta claras dessemelhanças em relação à configuração da França e Inglaterra do mesmo período, *O Primo Basílio* foi alvo de inúmeras discussões quando de seu lançamento, sendo que algumas das quais encontrariam reverberações em estudos bastante posteriores.

O principal embate crítico desenvolvido abarca desde a estilística do autor e a suposta filiação de Eça à corrente Naturalista (em especial, ao *modus operandi* literário e

¹ Cf SOBREIRA, 2001.

² QUEIRÓS, 1913.

³ QUEIRÓS, 1979

⁴ ORTIGÃO, 1986.

temática própria da literatura de Émile Zola) até lances do enredo e interferências de elementos supostamente dispensáveis ao desenrolar da ação. Trata-se da crítica de Machado de Assis, publicada em duas partes (a segunda originada a partir de uma série de réplicas nada favoráveis a Machado) sob o pseudônimo de Eleazar no jornal *O Cruzeiro*, pouco após a distribuição do livro no Brasil.

Essa discussão tornou-se célebre tanto por opor dois autores hoje considerados canônicos em Língua Portuguesa quanto por problematizar a questão da estética literária e o universo de expectativas do receptor da obra artística, razões pelas quais é geralmente citada em quaisquer artigos ou levantamentos sobre a recepção crítica de *O Primo Basílio* no Brasil.

A fortuna crítica sobre *O Primo Basílio* é, certamente, uma das mais vastas no que concerne ao universo queirosiano. Há tendências díspares sobre o modo de classificar (ou, dependendo do crítico, até mesmo “catalogar”) a obra: autores como Carlos Reis⁵, Antonio Saraiva⁶, Machado da Rosa⁷ e Mario Sacramento⁸, por exemplo, adotam um posicionamento de “evolução” da produção ficcional de Eça, situando o romance de 1878 em uma fase anterior a uma suposta maturidade do autor, atingida entre o final do século XIX e início do XX, tendo como auge *A Cidade e As Serras* (1901) e *A Ilustre Casa de Ramires* (1900).

Por outro lado, Antonio Candido, em um estudo clássico de 1945⁹, utiliza como parâmetro de análise para *O Primo Basílio* a dialética de enfoques e valores existentes

⁵ REIS, 1975.

⁶ SARAIVA, 1982.

⁷ ROSA, 1979.

⁸ SACRAMENTO, 2002.

⁹ CANDIDO, 1978.

entre os espaços rural e urbano; outros críticos, como Oscar Lopes¹⁰, Pedro Luzes¹¹ e Álvaro Machado¹², servem-se de episódios da vida pessoal de Eça de Queirós para justificar a recorrência de temas como o incesto entre os primos. Em meio a tão amplas possibilidades de discussões e confronto de viés de enfoque, priorizaremos, neste trabalho, as referências a estudos que abarquem o tema da mulher na sociedade aburguesada portuguesa urbana da segunda metade do século XIX.

Ademais, será também necessária uma breve apresentação do panorama social e literário no qual surgiu a obra, pois os embates crítico-teóricos que se desenvolveram acerca do romance encontram-se intimamente arraigados aos valores e idéias em ascensão no momento da elaboração e publicação do livro, escrito durante a permanência de Eça de Queirós em Bristol e Newcastle (Inglaterra) e publicado em volume quase simultaneamente em Portugal e no Brasil.

Por fim, proporemos um estudo sobre o *status* que lhe cabe na sociedade e a caracterização psicológica da personagem Luísa, suas estratégias para acomodar-se a ou burlar o meio em que se encontra inserida (por vezes, poderíamos dizer *encarcerada*) e como ocorre sua interação com os demais personagens, de acordo com os espaços sociais ocupados pelos mesmos, em relações de antagonismo, solidariedade ou franca competição.

¹⁰ LOPES, 1997.

¹¹ LUZES, 2001.

¹² MACHADO, 1997.

1. Panorama literário e recepção crítica da obra

1.1 Cientificismo e experimentalismo

Durante a segunda metade do século XIX, a Literatura e, conseqüentemente, a concepção do romance (sobretudo no que concerne à obra Naturalista) sofreu clara influência da corrente Cientificista. Teorias do âmbito da Biologia, Química, Física, Sociologia e Filosofia estabeleceram relações, em alguns casos extremos, de aberto diálogo com a obra literária.

Podemos verificar um representativo expoente dessa tendência no ensaio de Émile Zola, *O Romance Experimental e o Experimentalismo no Teatro*, de 1880, no qual o autor estabelece uma equiparação entre a *Introdução ao Estudo da Medicina Experimental* de Claude Bernard e o que, para ele, deveria ser posto em prática na estruturação do enredo do romance: ao médico, bem como ao romancista, caberiam as tarefas de buscar, encontrar e observar as especiais condições que produzem em um corpo vivo (de um ser humano ou de uma personagem) determinado fenômeno. Para Zola e Bernard, “A Ciência Experimental não deve se preocupar com o *porquê* das coisas, ela explica o *como*, e nada mais.”¹³ Tal concepção define o Determinismo como a causa que acarreta o aparecimento dos fenômenos, expondo-o como fator absoluto nas condições de existência dos eventos naturais.

¹³ ZOLA, 1982, p. 27.

Contudo, Zola opõe-se a Bernard em um ponto crucial: ele repudia a definição do médico que afirma que o artista seria aquele que expressa, em uma obra, uma idéia ou um sentimento subjetivos; Zola conclui, ainda, que os romancistas abrem o caminho aos cientistas, empregando a *hipótese* e o *empirismo* que preparam o estado científico no método experimental. No romance, portanto, o caminho a ser seguido seria: a) estabelecimento de uma tese; b) apresentação das personagens; c) instalação de uma “intriga” que obrigue a personagem a expor-se e reagir ante determinada situação; d) observação do comportamento da personagem; e) confirmação da hipótese inicial. Isso constituiria o *Romance de Tese*.

Em um diferente ensaio, “O Senso do Real”, de 1900, Zola elenca as que, para ele, constituem as maiores virtudes que um romancista deveria apresentar: o *senso de observação e apreensão do real*, mostrando “o elemento real, a vida no que ela tem de verdadeiro”¹⁴, e a *expressão pessoal*. Entretanto, este último fator não entra em conflito com o que afirmara no ensaio sobre o Romance Experimental, pois a expressão pessoal consiste no *tom* da escrita, na estilística, no mecanismo de originalidade, ou seja, no tratamento subjetivado da escrita sobre o mundo objetivo. A obra de arte deveria apresentar “a força da realidade e a onipotência da expressão pessoal”¹⁵. Outro elemento valorizado por Zola em seu texto é a *descrição do meio*, do mundo exterior, que deveria ser privilegiada na medida em que se encontre vinculada ao interior da personagem, favorecendo seu estudo. Ele elenca *O Vermelho e o Negro* de Stendhal para ilustrá-lo.

¹⁴ ZOLA, 2001, p. 29.

¹⁵ ZOLA, 2001, p. 29.

O *Primo Basílio* costuma ser apontado pela crítica oitocentista e, inclusive, parte da mais atual¹⁶ como romance de tese. Machado de Assis classificou Eça de Queirós como “fiel discípulo das tendências do Sr. Zola”¹⁷. Contudo, o próprio Machado apontou o que, para ele, seria uma falha no romance de 1878: sendo o autor adepto às tendências do romance naturalista, como se justificaria a intervenção do acaso, do fortuito, no desenrolar das ações?

Na apreciação crítica machadiana, encontram-se em destaque todos os elementos explanados nos dois ensaios de Zola, apesar de o artigo do autor brasileiro ser doze anos anterior ao ensaio de 1900: o Determinismo, o estilo próprio e o descritivismo, que possibilita a melhor e mais fiel possível apresentação do real. Desses três aspectos, o único que obtém elogio de Machado é o estilo: a expressão escrita de Eça parece-lhe vigorosa e brilhante – apesar de, ao final do ensaio, apresentar ressalvas quanto à linguagem empregada – em detrimento ao resto.

Trata-se de diferentes concepções da obra literária, pois ao escritor brasileiro parece-lhe contrário às leis da Arte a ação ser conduzida pelo que chama de “fortuito” e não pelos “caracteres e sentimentos”, como crê que seria o ideal¹⁸. A intriga da chantagem das cartas, por exemplo, é algo que suscita o repúdio do autor, por se tratar, em sua opinião, de um episódio medíocre em sua banalidade e ainda assim constituir o

¹⁶ Vide, por exemplo, Roseana Figueiredo, uma das autoras consultadas em nossa análise: “O Primo Basílio foi seu romance de tese, o qual teria como ponto de partida uma idéia, que deveria ser demonstrada pela ação das personagens e, geralmente, essa idéia tinha relação com o meio social que age sobre o indivíduo. Eça admitia que o homem era determinado pelo meio físico e social”. In: FIGUEIREDO, 2001, p. 44.

¹⁷ ASSIS, 1944, p. 176.

¹⁸ A concepção machadiana do romance, inclusive, conduzi-lo-á a obras românticas já com dados de análise da complexidade interior da personagem, a exemplo de Guiomar em *A mão e a Luva*, e obras realistas cuja reflexão intensa conduz a digressões infundáveis nas quais o leitor desvincula-se da “ação” propriamente dita, caso de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Augusto Meyer problematiza o hábito do narrador machadiano de interferir excessivamente no desenvolvimento do enredo através de longas digressões em sua apreciação crítica “O romance machadiano: o homem subterrâneo”. In: MEYER, 1975, pp. 357-362.

motor da ação na segunda metade do livro, em lugar de um sentimento vindo interiormente de Luísa, para quem a recuperação das cartas atende a um fim exclusivamente pragmático – impedir que o marido se inteire do ocorrido. O arrependimento da personagem, podemos notar, só emerge a partir de uma possibilidade de *sanção externa*, e não de remorso ou questionamento *interno*.

Apesar de Machado depreciar em seus artigos a Escola Naturalista, curiosamente, essa condenação do “fortuito” está, de certo modo, de acordo com o proposto por Zola ao condenar o uso abusivo da imaginação e do acaso próprio do Romantismo no romance experimental. Lembremos ainda a tendência da obra naturalista de focar preferencialmente uma coletividade e não um indivíduo somente, e de optar muitas vezes por uma distensão do clímax ao longo do enredo. Em *O Primo Basílio*, contudo, temos momentos culminantes na troca de papéis senhora/criada e também nas mortes de Luísa e Juliana.

No romance de Eça de Queirós, encontramos, por diversas vezes, esse aspecto tão rechaçado por Machado de Assis (e visto com receio inclusive por Zola) que é a intervenção do *acaso*, sobretudo do azar, da sorte que (des)favorece plenamente a personagem através de um evento cuja lógica lhe é aleatória, não dependendo de sua ação e, portanto, desprovida de causalidade. Por exemplo, a chegada de Basílio no período de ausência de Jorge é aleatória; a visita inesperada de Felicidade que permite a Juliana apoderar-se da carta de amor ao primo escrita por Luísa é uma coincidência; a chegada da carta de Basílio, com dois meses de atraso, oferecendo suporte financeiro e retomando o romance entre os primos que cai nas mãos de Jorge é um evento sem muita possibilidade de ser deduzido anteriormente pelo leitor. Mesmo quando podemos prever

que certo evento possa ocorrer, caso do enfarte que fulmina Juliana, prenunciado por sua saúde debilitada e aspecto amarelado, o leitor não pode arriscar o momento em que se concretizará. Afinal, se Juliana houvesse sucumbido antes do retorno de Jorge ou após o falecimento da tia deste, época na qual esteve gravemente enferma, a sorte de Luísa seria muito diferente.

Outro dos pontos nevrálgicos da crítica machadiana ao romance eciano encontra-se no enfoque concedido ao par Luísa/Basílio. Além da ênfase nas relações físicas das personagens, que, para o escritor brasileiro, exporia o leitor a toda a sorte de sensações lascivas, o adultério entre os primos constituiria o maior exemplo do fortuito no romance, pois não seria nada mais do que um incidente vulgar, sem importância nem justificativa, dado que não o motivariam nem o amor, nem a paixão (sublime ou subalterna), nem o despeito ou sequer a perversão, posto que Luísa sequer encontraria a saciedade das “paixões criminosas”. Isso acarreta a visão da infidelidade como determinada pela casualidade e não por fatores internos, o que permite a Machado concluir que o autor de *O Primo Basílio*, além de seguir uma “Doutrina Caduca” (o Naturalismo de Zola), sequer obtém resultados satisfatórios para a mesma, pois a única tese sustentável no romance seria ineficaz.¹⁹

Quando analisamos a relação entre Basílio e Luísa, é possível identificar os principais pontos que impelem a prima aos braços do amante algo oportunista (afinal, não havia trazido a Alphonsine...): a ociosidade diária, a ausência do marido, a influência dos relatos de Leopoldina, a falta de alguma atividade doméstica que a absorvesse de modo

¹⁹ Machado afirma que a única verdade moral ou ensinamento que poderia servir de tese no romance é a escolha de bons criados como condição de paz no adultério.

compenetrado (até mesmo suas leituras são realizadas de modo superficial e ingênuo). Contudo, se voltássemos nossa atenção ao fator das influências científicas, poderíamos propor outra possibilidade a ser contemplada na relação Luísa/ Basílio: o elemento da *Vontade*, explanado por Schopenhauer em “A Metafísica do Amor”²⁰.

Neste ensaio, Schopenhauer apresenta o conceito de *Vontade*, que seria fator determinante da espécie, tendo por objetivos finais o gozo e, de maneira na maioria das vezes totalmente *inconsciente* aos indivíduos, a procriação – e, logo, *preservação* e *evolução* da espécie. Esta estaria internalizada e mostrar-se-ia por meio dos instintos do sujeito, impelindo-o às ações e loucuras amorosas: o amor seria a ilusão que mascara e abriga a *Vontade* e que, por vezes, entra em conflito com os interesses subjetivos do indivíduo.

Em *O Primo Basílio*, três elementos poderiam ajudar a estabelecer uma análise tendo em vista a teoria schopenhauriana: primeiramente, Luísa e Jorge não têm filhos, apesar do imenso anseio de ambos²¹; em segundo lugar, Jorge adota em relação à esposa uma atitude muitas vezes paternal, repreendendo-a, determinando ele próprio como deveriam ser os cuidados da casa, contratando as empregadas, cuidando devotamente da esposa quando está enferma, prometendo-lhe levá-la para passear, dormindo com a mão entre as dela para afastar seus pesadelos, decidindo com quem Luísa deve ou não se relacionar, interditando as amigas que a seu parecer não lhe

²⁰ SCHOPENHAUER, 2000. Convém ainda destacar que a *Vontade* apresentada neste ensaio não é a mesma da que surge em *O Mundo como Vontade e Representação*, a qual constitui o desejo primordial do ser em reintegrar-se com o mundo, mesmo que através de sua total aniquilação individual.

²¹ Em diferentes momentos, Jorge e Luísa consideram um filho, além de elemento indispensável à unidade da família, como solução ideal ao tédio de Luísa, bem como à solidão a qual é exposta quando da viagem do marido. Inclusive, ao retornar a Portugal, uma das primeiras perguntas que Basílio dirige à Luísa é justamente se ela já teria um “pequerrucho”.

convém, e, quando ausente, incumbindo Sebastião da tarefa de vigiá-la e orientá-la – dado que irrita Luísa, que considera, exasperada, o absurdo da situação²². Em vários momentos, ao longo do enredo, Jorge e Sebastião discorrem entre si ou aos demais sobre a personalidade supostamente ingênua e algo tola de Luísa, destacando sua falta de sagacidade e configurando-a de maneira infantilizada. O terceiro fator, evidentemente, é o caráter lúbrico de Basílio e também da relação entre os primos.

O fato de Luísa ter-se casado com Jorge mas estar envolvida com Basílio lembra um exemplo apresentado por Schopenhauer: quando uma moça recusa um casamento vantajoso com um senhor de poucos atrativos em favor de uma união com um jovem pobre, de caráter duvidoso ainda que atraente, seriam os interesses da espécie (a Vontade, ou seja, o gozo e a procriação) sobrepujando os do indivíduo (a estabilidade financeira), ainda que de maneira inconsciente. No caso de Luísa, esta aceitou o matrimônio com Jorge, garantindo a sobrevivência de si própria e da mãe²³ bem como a aceitação social, ainda que não estivesse propriamente enamorada do engenheiro; no entanto, tendo já obtido a estabilidade, não dispensa a busca do gozo através da união com o primo. Retomando o que diz Schopenhauer em seu ensaio, “tudo isso [a luta pela satisfação sexual, inclusive por meio de crimes como o adultério ou o estupro] apenas para servir à espécie do modo o mais conveniente possível, em conformidade à, em toda parte, soberana vontade na Natureza mesmo se à custa do indivíduo”²⁴ No caso de Luísa, o preço revelar-se-á a própria vida.

²² “Porque a intervenção de Sebastião, no fundo, irritava-a mais que os mexericos da vizinhança! A sua vida, as suas visitas, o interior da sua casa era discutido, resolvido por Sebastião, por Julião, por *tutti quanti*! Aos vinte e cinco anos, e tinha mentores!” In: QUEIRÓS, 1997, p. 159.

²³ “Estava noiva, enfim! Que alegria, que descanso para a mamã!”, In: QUEIRÓS, 1997, p.22.

²⁴ SCHOPENHAUER, 2000, p. 18.

É, ainda, interessante notar que Luísa, à sua maneira, dá-se conta de que sua relação com Basílio é, de certo modo, gratuita e injustificada: ela percebe que o tratamento a ela dispensado pelo primo é maçante, desrespeitoso e conclui que sacrificara sua tranquilidade a um amor incerto:

(...) Basílio não se dava ao incômodo de se constranger; usava dela. Como se a pagasse! (...) Não aceitava o menor incômodo, nem para lhe causar um contentamento.(...) E um ar de superioridade quando lhe falava! Um modo de encolher os ombros, de exclamar: - Tu não percebes nada disso! Chegava a ter palavras cruas, gestos brutais. E Luísa começou a desconfiar que Basílio não a estimava, apenas a desejava!²⁵

Luísa, apesar de quando da descoberta de Juliana cobrar impulsivamente uma fuga do amante, não vê, ao refletir mais longamente sobre o assunto, possibilidade de ter ao lado deste um futuro sólido, um matrimônio (no caso de Jorge falecer), uma relação estável como a que possui com o engenheiro. Assim, poderíamos opor sua relação conjugal com o marido, movida pelo interesse individual, e a com Basílio movida pela Vontade proposta por Schopenhauer. Notemos, ainda, que o interesse individual de Luísa está em franca associação ao ideal capitalista burguês: conforto, comodidade financeira, bem-estar social, uma posição que implique *status* (afinal, ser casada constituía o estado social mais aceitável à mulher oitocentista), duas empregadas que assegurem sua ociosidade diária...

O *Primo Basílio* é, sem dúvida, uma obra que suscitou inúmeras polêmicas e embates entre a crítica. No entanto, é imprescindível reconhecer a multiplicidade de ângulos por meio dos quais se torna possível perscrutar o romance: a

²⁵ QUEIROS, 1997, pp. 211-212.

causalidade/casualidade de Machado de Assis, o Experimentalismo, o Senso de Observação, a Expressão Pessoal e o Descritivismo valorizados por Zola, a Vontade apresentada por Schopenhauer. Todos esses conceitos atestam o caráter inovador e renovador do romance queirosiano, constituído em um momento de amplas transformações sócio-culturais, influências científicas e ascensão de novas e diferentes concepções da obra de arte literária.

1.2 Recepção crítica do livro: reverberações

O *Primo Basílio*, quando de sua publicação em 1878, deu início a um embate crítico-teórico acerca de quais conceitos e práticas deveriam ou não constituir a obra literária. De Machado de Assis²⁶ a Arnaldo Faro²⁷, Nascimento²⁸ e Paulo Franchetti²⁹, a fortuna crítica que se detém na recepção e discussões emergentes na época sobre os conceitos arraigados à obra tem sido extensa; um número relativamente menor de autores contemplou a questão da sanção moral do indivíduo transgressor.

Nesse aspecto, convém chamar a atenção para a aparente contradição presente no fato de um escritor de formação essencialmente positivista como Eça, em alguns momentos de sua correspondência a Teófilo Braga, bem como artigos referentes às inadequações da educação da mulher em Portugal, valer-se do conceito de formação religiosa enquanto subsídio para a suscitação de conceitos éticos e morais que poderiam influenciar positivamente a conduta da mulher em sociedade.

²⁶ ASSIS, 1944.

²⁷ FARO, 1977.

²⁸ NASCIMENTO, 2007.

²⁹ FRANCHETTI, 2004.

O romance de 1878 é uma obra que opera predominantemente com o foco sobre o âmbito do feminino; as protagonistas, Luísa e Juliana, são faces distintas (e, em certa medida, contrastantes) da configuração física, social e psicológica de personagem do sexo feminino que, contudo, se aproximam caso consideremos o dado de ambas competirem por um lugar equivalente e vantajoso na hierarquização da sociedade, bem como pela realização dos desejos íntimos, de conotação explicitamente sexual. A trama literária evidencia conflitos entre classes sociais, distorções de relacionamentos interpessoais, subversões da hierarquia, etc., que subsidiam a análise dos temas-chave sobre os quais discorreremos ao longo da dissertação. *O Primo Basílio* pode ser considerado uma obra-chave na produção ficcional de Eça de Queirós sob distintos aspectos, razão pela qual foi alvo de extensa fortuna crítica.

Segundo romance escrito individualmente e publicado em vida do autor, após a primeira edição de *O Crime do Padre Amaro* (1976), *O Primo Basílio* (1878) consternou o público, suscitando escândalo quando de sua recepção pela crítica literária da época. O mais notório entre eles, como vimos anteriormente, teve lugar no mesmo ano: o automeado Eleazar (em realidade, Machado de Assis), em um jornal católico, *O Cruzeiro*, discutia a relevância de um jovem autor aparentemente talentoso quanto ao uso da língua como Eça de Queirós deixar-se influenciar por modismos “indecorosos” tais como o Naturalismo.

Arnaldo Faro³⁰ e João Medina³¹, em diferentes momentos, discorreram sobre as proporções atingidas pelo embate de posturas surgido a partir das críticas ao romance produzidas no Brasil. Em um estudo mais recente, Nascimento³² apresenta um amplo

³⁰ FARO, 1977.

³¹ MEDINA, 1974.

³² NASCIMENTO, 2007.

levantamento do percurso (cronológico e ideológico) das resenhas surgidas sobre o livro então recém publicado, incluindo as réplicas escritas em resposta à crítica machadiana e a tréplica do autor de *Iaiá Garcia*.

Paulo Franchetti, em uma apresentação de título “*O Primo Basílio e a Batalha do Realismo no Brasil*”³³ oferece um recorte bastante interessante do panorama do que foi a repercussão de tal obra nas duas sociedades de língua portuguesa da época: charges publicadas em jornais indicavam o desprezo e, simultaneamente, o terror com que maridos e pais de família recebiam o exemplo do enredo da obra tida, portanto, como referência. O humor e o riso fácil provenientes das situações geradas no cotidiano do âmbito familiar, tendo em mente o ponto inicial da ação do romance (um primo e ex-noivo que regressa do estrangeiro a visitar sua paixonite de adolescência, agora respeitável e burguesamente casada) acarretam preocupações e desconfianças que revelam um aspecto detectado por Freud como angustiante.

De acordo com a psicanálise freudiana, teorizada no ensaio *O chiste e sua relação com o inconsciente*³⁴, os chistes provêm primeiramente de uma expansão de um significado *específico* (no caso, a trama literária em *O Primo Basílio*) para algo mais *abrangente* (todo e qualquer matrimônio no qual a esposa receba uma visita masculina), em uma notória analogia entre verossimilhança ficcional e realidade “concreta” que resulta bastante perturbadora aos maridos inseguros; outro ponto digno de nossa observação são os temas tabu do incesto e do adultério, que, para não se tornarem alvo de obsessão mórbida, gerando evidente angústia, são convertidos em riso, como única maneira viável de atenuar seu caráter destrutivo.

³³ FRANCHETTI, 2004.

³⁴ FREUD, 1977.

O tabu do adultério, um dos mais temidos revezes para o burguês médio da sociedade capitalista- uma vez que não assegura herdeiros legítimos que usufruirão de nome e propriedades – no caso português, fortemente influenciado pela moral católica, é um tópico causador de receio, devendo portanto ser convertido em alvo de satirização como forma de aplastar o impulso de morte nele contido. No riso, sugere-se uma maneira de dessacralizar a tragédia social e íntima inerente ao adultério; ao compartilhar a sátira, estabelece-se uma solidariedade entre todos os possíveis maridos que dele seriam vítimas; por fim, ao surgirem tantas charges e chistes sobre o assunto, tem-se uma idéia do quanto o tópico perseguia e incomodava o imaginário masculino, alfinetando a tranqüilidade da estrutura familiar portuguesa.

Como vimos na *Introdução*, há autores que relacionam a presença incômoda do tema do incesto entre primos a uma experiência particular da vida de Eça de Queirós, ligada a um sentimento desenvolvido na adolescência por sua prima Cristina³⁵, uma vez que na prática ambos haviam sido criados como irmãos; no entanto, o que nos parece mais pertinente à análise é a forma como, para alguns comentadores e autores de charges, esse relacionamento extraconjugal torna-se mais perigoso à medida em que maior for o grau de proximidade do parentesco entre os amantes - pois, em teoria, seria mais difícil ao marido suspeitar de um parente mais próximo, tendo-se em vista o tabu do incesto. Por sua vez, o adultério é um tema de grande presença nas discussões na época da recepção crítica do romance no Brasil, suscitando mais polêmicas, réplicas e tréplicas do que as problematizações a respeito do novo feitio de composição da personagem e as incorporações das novas técnicas narrativas, por exemplo.

³⁵ Veja-se, por exemplo, LUZES, 2001.

Dessa forma, ao esmiuçar simultaneamente os tabus do incesto e do adultério feminino, Eça de Queirós ataca de maneira provocativa dois aspectos passíveis de provocarem *pathos* em grande parte do público alvo do romance, expondo aos leitores uma discussão arraigada a valores claramente assentados no imaginário do cidadão médio burguês, motivo pelo qual muitas das discussões ocorridas quando da recepção crítica do romance continuam a fornecer ricos materiais de pesquisas voltadas não somente sobre estética, mas também e principalmente acerca da configuração histórica e social do período em questão.

1.3 O *Primo Basílio* em meio às temáticas e “evolução” da ficção queirosiana

Da mesma forma que a vida pessoal do autor como possível mote que interfere ou não em sua produção ficcional, também o modo de apresentar o conjunto da obra de Eça de Queirós varia bastante e encontra divergências de acordo com a fortuna crítica consultada.

Saraiva³⁶, no estudo intitulado “O Manto da Fantasia”, divide a referida produção de Eça em três fases distintas: uma primeira fase “fantástica”, a segunda “realista” e uma terceira novamente “fantástica”, mas que, diferentemente da primeira, descreveria “vidas de santos”. Ele (que, em obra datada de 1946 basicamente considerava o autor um gênio da estilística, deixando no entanto a desejar no âmbito das idéias³⁷) alega que, mesmo nessa fase “realista”, existiriam romances que nada teriam de Realismo: seriam O

³⁶ SARAIVA, 2001.

³⁷ SARAIVA, 1982.

Mandarim, A Cidade e as Serras, A Ilustre Casa de Ramires e A Relíquia - na qual faltariam coerência e verossimilhança.

A classificação “realista”, segundo esse estudo (posteriormente revisto pelo autor³⁸), teria mais vínculos com as adesões ideológicas do autor, que pertenceu à geração de Setenta e foi largamente influenciado por Antero de Quental. Saraiva ainda destaca que, para Eça de Queirós, a atitude “realista” seria mais do que literária, e sim vital.

Por sua vez, Carlos Reis³⁹, que analisou minuciosamente o espólio de Eça de Queirós, também propõe uma divisão em três fases, nas quais se observariam uma “evolução” de temas e processos: a fase impregnada de um Romantismo que, para o crítico, “alguma coisa devia à proximidade psicológica e cultural de um Antero”⁴⁰; a fase em que adere aos preceitos do Realismo e do Naturalismo, que incluiria os romances *O Primo Basílio* e *O Crime do Padre Amaro*; e a derradeira na qual o autor desvincula-se de qualquer movimento literário de forma ortodoxamente rígida, abrangendo diversas orientações estéticas e diretrizes ideológicas. Essa última fase, considerada a de maturidade de Eça de Queirós, seria representada por *O Mandarim, A Correspondência de Fradique Mendes, A Ilustre Casa de Ramires*, entre outros. De acordo com esse estudo, portanto, seria possível notar uma *gradação* que tem como ponto de partida o caráter romântico, adequa-se às coordenadas realistas e naturalistas (no que alguns críticos chamam “romances de tese”) e termina por atingir o clímax na liberdade artística que marca a idiosincrasia do escritor.

³⁸ Veja-se, por exemplo, sua contribuição à compilação *150 Anos com Eça de Queirós*, de 1995.

³⁹ REIS, 1999.

⁴⁰ REIS, 1999, p. 97.

Em um estudo anterior⁴¹, Carlos Reis já havia proposto *Os Maias* como uma espécie de divisor de águas da obra ficcional queirosiana, a partir do qual ocorreria a “maturidade” de Eça. Sobre *O Primo Basílio*, ele destaca que há indícios “tímidos” de uma perspectiva de ruptura em relação às imposições do Naturalismo, sobretudo no que concerne à superficialidade do estudo promovido pelo narrador ao interior da personagem de interesse do leitor⁴². Isso, de certa maneira, nos remete a um eco da visão de Mario Sacramento, para o qual as personagens da obra de 1878 “não abdicam de seu livre-arbítrio; desistem apenas de o utilizar. Não são arrastados pelos conflitos; deixam-se escorregar, com moleza. O leitor não os sente responsáveis, sente-os irresolutos”⁴³, levando-nos a concluir que tendência à inércia, a ausência de conflitos interiores e a falta de pragmatismo nas ações dos personagens (Luísa, em especial) foi tido como um dos pontos mais recorrentes na crítica portuguesa canônica sobre o romance.

O artigo de Machado de Assis sobre o romance, n´*O Cruzeiro*, como vimos, apesar de inicialmente louvar os talentos atribuídos a Eça de Queirós, destaca reiteradamente aquilo que, aos olhos do escritor brasileiro, resulta imperdoável. A crítica machadiana detém-se sobretudo nos aspectos negativos, que supostamente tornariam a obra uma má influência devido ao enfoque excessivo dado às sensações físicas das personagens, sobretudo Luísa, o que despertaria o mórbido interesse dos leitores. Trata-se de uma leitura algo datada, em convergência com as idiossincrasias da própria prática literária presente nos romances machadianos, e que tinha como alvo principal não Eça de Queirós em específico e sim os preceitos do Naturalismo. Cabe adiantar que Alberto Machado da

⁴¹ REIS, 1975.

⁴² REIS, 1975, p.91.

⁴³ SACRAMENTO, 2002.

Rosa⁴⁴, em um estudo da década de 60 do século XX, considera que, após essa polêmica o autor português ter-se-ia tornado, de certa maneira, “discípulo” de Machado e reorientado toda sua produção ficcional posterior a partir da crítica a *O Primo Basílio* e *O Crime do Padre Amaro*, “aprimorando” humildemente sua obra de acordo com as sugestões do escritor brasileiro.

Machado de Assis ainda aponta como “falha” na construção d’*O Primo Basílio* a substancial interferência do “elemento acessório” no enredo (o que será mais bem trabalhado adiante). Entretanto, ao menos explicitamente, Machado não classifica a obra como “cópia” de *Madame Bovary* de Gustave Flaubert; em contrapartida, considera *O Crime do Padre Amaro* como imitação de *La faute de l’abbé Mouret*, de Émile Zola.

Silviano Santiago, quase um século após a crítica machadiana, em artigo de 1970, exalta *O Primo Basílio* precisamente por seu diálogo intertextual com *Madame Bovary* e pela reflexão literária que dele resulta. Segundo ele, Eça teria enriquecido a obra de Flaubert por meio de uma “transgressão” estabelecida em relação ao modelo francês, que rearticula a concepção original do romance ante as necessidades e particularidades do contexto português. A inserção da peça de Ernestinho como antecipação do drama principal do enredo seria um exemplo da reelaboração lúcida de Eça de Queirós.

Álvaro Machado, no ensaio “Eça e o Decadentismo: uma estética da ambigüidade” de 1995 (ou seja, aproximadamente 25 anos após a publicação de *Eça, discípulo de Machado?*⁴⁵), revisita a obra queirosiana e volta a comentar a crítica de Machado de Assis. Adotando uma perspectiva muito próxima à de Machado da Rosa e Carlos Reis, propõe que há um processo de “evolução” nessa obra, cujo ponto chave é *Os Maias*:

⁴⁴ ROSA, 1979.

⁴⁵ ROSA, 1979.

Ora, d' *O Primo Basílio* a *Os Maias*, Eça evoluiu precisamente nesse sentido de, como dizia Machado de Assis, não 'substituir o principal pelo acessório', no sentido machadiano do termo, a obediência, digamos arbitrária, a estritos códigos das escolas literárias, como, na altura, a do Realismo. Mas, fá-lo, de certo modo, como o próprio Machado de Assis, através duma estética da ambigüidade em que, precisamente, o 'acessório' se confunde a cada passo com o 'principal' num processo de pluridiscursividade que projeta o Eça da fase final, sobretudo com *Os Maias* para uma modernidade de que ele próprio não tinha consciência.⁴⁶

Como estamos vendo, Álvaro Machado, à semelhança de Carlos Reis, adota a postura do "aperfeiçoamento", da maior eficácia da narrativa queirosiana com o passar do tempo. Podemos ainda notar que, ao partir da crítica do escritor brasileiro e afirmar que de *O Primo Basílio* a *Os Maias* teria havido uma melhora no aspecto do "acessório", está mantendo a conotação negativa que Machado de Assis atribuiu a esse elemento.

Por sua vez, Beatriz Berrini, em sua tese de doutoramento, não se refere de maneira tão explícita à crítica machadiana como o faz Machado da Rosa, mas sim destaca o aspecto do acaso, nomeando-o inclusive "acaso" e "fortuito", e sua elevada função e importância na narrativa d' *O Primo Basílio*:

(...) Pragmática, desfeita a ilusão, Luísa poderia reentrar na rotina de sua vida burguesa, não fosse o acaso fazer com que a carta de Basílio caísse nas mãos de Jorge. Juliana já estava morta, as suas cartas queimadas, e ela recuperava-se de uma doença. As aparências estavam salvas, os valores vigentes preservados graças ao jogo da hipocrisia. Escolhida a via da acomodação, derrotado o seu "sonho de amor", tudo poderia ter terminado bem.⁴⁷

⁴⁶ MACHADO, 1995, p. 49.

⁴⁷ BERRINI, 1982, p. 106.

Beatriz Berrini aponta o caráter crucial do episódio da intriga das cartas para evidenciar especular e espectralmente a situação feminina na sociedade capitalista portuguesa do século XIX, marcada pela hipocrisia, pela subversão aos valores de submissão e alienação e pela condição marcadamente inferior ao homem. Toda essa discussão parte da hábil premissa de que tanto o destino quanto o comportamento da mulher, no romance, estão intrinsecamente entrelaçados ao aspecto do “fortuito”, do “acaso”, do “elemento acessório”, que por Machado de Assis é reiteradamente vituperado.

Na crítica d’ *O Primo Basílio*, Machado de Assis destaca como “elementos acessórios” as descrições das sensações físicas das personagens, em detrimento às psicológicas, os incidentes que conduzem o desenrolar da ação, o extravio das cartas e, sobretudo, as “tais preocupações de escola”⁴⁸ – no caso, o Naturalismo – que comprometeriam seriamente a virtude da obra.

Machado de Assis, a partir de seu horizonte de expectativas enquanto escritor e crítico literário, necessitava encontrar no romance, a fim de valorizá-lo, uma série de elementos para ele ortodoxamente ligados à construção da personagem com os quais, de fato, não se depara (o remorso ou a revolta de Luísa, suas reflexões acerca da moralidade, entre outros): “Para que Luísa me atraia e prenda, é necessário que as tribulações que a afligem venham dela mesma; seja uma rebelde ou uma arrependida; tenha remorsos ou imprecações; mas, por Deus! Dê-me a sua pessoa moral.”⁴⁹. Essa frustração o teria levado a depreciar o que chama de “elemento acessório”, segundo ele, circunstancial, desnecessário na obra.

A lógica intrincada do romance permite, por diversas vezes, que o destino da personagem seja determinado pelo acaso, por algum aspecto ou acontecimento sobre o

⁴⁸ ASSIS, 1944, p. 171.

⁴⁹ ASSIS, 1944, p. 169.

qual não pode exercer qualquer controle – é assim quando, por exemplo, a chegada repentina de Felicidade leva Luísa a abandonar momentaneamente a carta que escrevia a Basílio e que, roubada por Juliana, constituirá o principal aparato da chantagem; quando Jorge lê, intrigado, a epístola que Basílio inesperadamente enviara a Luísa, mencionando o envolvimento íntimo entre os dois; e mesmo a coincidência de Basílio retornar ao país no mesmo período da viagem de Jorge, premissa fundamental da qual depende toda a ação posterior. Trata-se, podemos adiantar, do fado atuando como motor de propulsão do enredo.

No entanto, a possibilidade de o acaso conduzir o enredo em *O Primo Basílio* está intrinsecamente ligada à apresentação de dados inseridos na narrativa de modo a preparar o leitor para o desenlace sem, contudo, desviar sua atenção do foco da intriga principal: assim, o enfarte que aniquila Juliana está pré-anunciado em sua saúde debilitada e aspecto amarelado de sua aparência; a morte de Luísa, na discussão sobre o desfecho de *Honra e Paixão*, etc. Contudo, ainda assim o momento em que ocorrem esses incidentes é imprevisível, tanto às personagens quanto ao leitor, o que mais uma vez nos remete ao fado determinando o desenrolar da narrativa e o desfecho da ação.

Podemos notar que a carta é certamente uma das manifestações do acaso – além de um elemento que auxilia na configuração da personagem diante do leitor, pois expõe sua produção escrita, apresentando indícios de sua educação, caráter, intenções, etc. – na medida em que sua perda, ausência ou chegada repentina é capaz de determinar o comportamento e o destino da personagem. Isso é cabalmente realizado no desfecho do romance, no qual a carta de Basílio que cai nas mãos de Jorge é capaz de desencadear a recaída da doença que culmina na morte de Luísa.

Há, portanto, vários aspectos que permitem a “elementos acessórios” constituírem fatores determinantes no enredo, tanto ligados ao desenrolar da intriga quanto à construção da personagem. Do mesmo modo, é curioso que o acaso ganhe tal dimensão em um romance que tem como um de seus pressupostos basilares a estética realista, para a qual o determinismo rege, em grande escala, o destino das personagens.

2. Acaso *versus* controle: a dialética do fado

2.1 Inércia e manipulação

Como vimos até o momento, a crítica queirosiana tem-se debruçado constantemente sobre a questão dos diferentes prismas através dos quais seria viável a análise do conjunto da obra de Eça de Queirós. Alguns autores, como Carlos Reis, José Antonio Saraiva, Machado da Rosa e Antonio Candido condicionam a produção ficcional de Eça de Queirós a “fases”, dividindo os romances de acordo com afinidades de temática, configuração das personagens, posicionamento do narrador e, inclusive, proximidade temporal nas datas de publicação das obras. Por outro lado, há autores como Beatriz Berrini⁵⁰, Monica Figueiredo⁵¹, Sergio Nazar⁵² e Oscar Lopes⁵³ que situam sua análise em *O Primo Basílio* enquanto um romance particular, afastando-se de discussões classificatórias, e centram-se em aspectos peculiares que denotam a perspicácia de Eça para perscrutar a sociedade burguesa da segunda metade do século XIX.

Outra recorrência usual da maioria da fortuna crítica acerca de *O Primo Basílio* é centrar-se sobretudo nos personagens femininos: Luísa, Juliana, Leopoldina. No entanto, cabe dispensar alguma atenção às semelhanças existentes entre a busca da protagonista pela transgressão do espaço (físico e simbólico) a ela cabido e o percurso empreendido pelo marido para despir-se da pressão moralizadora exercida por essa sociedade repleta de tabus, perdoando a esposa e lamentando sua morte.

⁵⁰ BERRINI, 1982.

⁵¹ FIGUEIREDO, 2002.

⁵² NAZAR, 2000.

⁵³ LOPES, 1989.

Jorge, que tem seu momento de indignação e ferocidade quando da discussão meta-literária suscitada pelo final de “Honra e Paixão”, a famigerada peça de seu primo Ernestinho, permite, já na abertura do romance, que o leitor – e, com ele, Luísa - vislumbre antecipadamente sua reação ante o adultério. Todavia, vejamos o momento catártico no qual Jorge é, de fato, confrontado pela prova material das relações extraconjugais da esposa: a carta, redigida pelo primo Basílio (lembramos que, nessa altura, Luísa estava doente, recuperando-se da febre que a fragilizara capítulos antes).

Agarrou então a carta. (...), quis ver, através do papel delgado do envelope; os seus dedos mesmo irresistivelmente, começaram a rasgar um ângulo do sobrescrito. Ah! Não era delicado aquilo!...Mas a curiosidade, que governava o seu cérebro, sugeriu-lhe toda a sorte de raciocínios, com uma tentação persuasiva (...) ⁵⁴

Ávido por saber o conteúdo da missiva, Jorge leu-a e logo em seguida dirige-se à esposa a fim de solicitar explicações; contém-se, entretanto, para evitar uma reação forte, e ainda assim é alvo da represália de Julião (“ - Tu estás doido? Pois tu sabes que ela está num estado daqueles, e vais-te pôr a fazer-lhe cenas de lágrimas?”⁵⁵).

Aqui, já se manifesta um forte indício da complexidade de Jorge, cujo discurso anterior remetia a um julgamento inflexível e a ação aponta a um movimento de contenção, auto-controle e até antecipação do perdão a ocorrer posteriormente. Já no trecho

⁵⁴ QUEIRÓS, 1997, pp. 409-410.

⁵⁵ Idem, ibidem.

Jorge foi heróico, durante toda essa tarde. Não podia estar muito tempo na alcova de Luísa, a desesperação trazia-o num movimento contraditório; mas ia lá a cada momento, sorria-lhe, conchegava-lhe a roupa com as mãos trêmulas, e como ela dormitava, ficava imóvel a olhá-la feição por feição, com uma curiosidade dolorosa e imoral (...); e amava-a mais desde que a supunha infiel, mas de um outro amor carnal e perverso. (...) releu a carta infinitas vezes, e a mesma curiosidade roedora, baixa, vil, torturava-o sem cessar: Como tinha sido? Onde era o *Paraíso*? Havia uma cama? Que vestido levava ela? O que lhe dizia? Que beijos lhe dava? Foi reler todas as cartas que ela lhe escrevera para o Alentejo, procurando descobrir nas palavras sintomas de frieza, a data da traição! Tinha-lhe ódio então, voltavam-lhe ao cérebro idéias homicidas, - esganá-la, dar-lhe clorofórmio, fazer-lhe beber láudano! E depois imóvel, encostado à janela, ficava esquecido num cismar espesso, revendo o passado, o dia do casamento, certos passeios que dera com ela, as palavras que ela dissera...⁵⁶

Podemos observar a densidade psicológica da personagem, o conflito de suas emoções e reações, oscilando entre o ciúme, a curiosidade mórbida, a compaixão, a confusão mental infringida pela imaginação das cenas da esposa com o amante, o impulso de puni-la e, concomitantemente, a dissimulação quando está com ela.

Desta forma, consideramos que há em *O Primo Basílio* uma exploração forte da densidade psicológica interior da personagem, representada primordialmente nas figuras de Jorge e Luísa, sendo que esta é perscrutada diversas vezes pelo narrador questionando sua adoração por Basílio e admitindo a gratuidade de suas relações com o primo e aquele realiza o movimento de inflexibilidade no julgamento que remetia à condenação invariável da esposa adúltera para, ao final do livro, passar pelo momento catártico veiculado pela carta, cujo conhecimento do conteúdo propicia-lhe os sentimentos contraditórios expostos acima; por último, sofrerá o pesar pela morte da esposa, sofrimento compartilhado por Sebastião.

⁵⁶ Idem, p. 412.

Ademais, há mais um aspecto particular do romance a ser considerado, para além da ênfase da crítica sobre as personagens femininas: *a simplificação dos grupos sociais e dos tipos*⁵⁷, que seria outro fator importante que favorece a intervenção do acaso, um dos “elementos acessórios” intrinsecamente associados à carta em *O Primo Basílio*. Monica Figueiredo⁵⁸, em sua tese de doutoramento, já havia destacado importância crucial que adquire o controle na configuração da sociedade vitoriana, na qual o indivíduo por vezes abdica da possibilidade de satisfazer a necessidades e anseios próprios a fim de não perder o controle sobre si e sobre o outro, encontrando na dissimulação a maneira de exercer minimamente seu livre arbítrio sem suscitar antagonizações na sociedade; desta forma, o acaso e suas implicações concomitantes no destino das personagens vão de encontro a um dos valores *standard* do século XIX europeu.

Quando nos deparamos com uma personagem aparentemente plana, mas com densidade interior complexa revelada paulatinamente de maneira sutil, a exemplo de Luísa, e que se relaciona com empecilhos concretos, como o caso da chantagem imposta por Juliana, o acaso (e, por meio deste, a carta) tanto mais poderá manipular a personagem quanto mais simplificada for sua configuração. Atentemos a esse pequeno trecho no qual a protagonista, confrontada com a extorsão de sua criada, procura evadir-se da necessidade de solucionar o próprio problema, legando-o aos demais personagens:

Vieram-lhe esperanças, então. Sebastião era bom; Leopoldina tinha expedientes; havia outras possibilidades, o acaso mesmo; e tudo isso podia, em definitivo, formar seiscentos mil réis, salvá-la! Juliana desapareceria, Jorge voltaria! - E, alvoroçada, via perspectiva de felicidades possíveis reluzirem, no futuro, deliciosamente.⁵⁹

⁵⁷ Presente, a título de exemplo, no ensaio presente em CANDIDO, 1878: “Entre o Campo e a Cidade”, publicado originalmente em 1945.

⁵⁸ FIGUEIREDO, 2002.

⁵⁹ QUEIRÓS, 1997, p. 271.

Nesse excerto, notamos a (falta de) atitude de Luísa, que, acostumada a ter seus problemas e conflitos solucionados pelos demais, não reconhece, ou antes, nega o fato de que os mesmos cabem a si própria. De fato, levando-se em conta a perspectiva do (limitado) horizonte feminino da época, é impossível a ela ter outro ponto de vista, além desse - assim, parece-me que sua morte é o resultado final de uma situação na qual, pela primeira vez, arca com a responsabilidade de seu procedimento anterior, respondendo individualmente por suas ações do passado – o acaso ao qual tão ingenuamente confiara a resolução de seus problemas falha-lhe. A inércia própria da personagem é um forte elemento que a acorrenta às manifestações do fado, tornando-a quanto mais suscetível ao fortuito quanto mais desprovida de um posicionamento dinâmico, não passivo.

Além disso, ainda podemos ressaltar o movimento oposto, através do qual o evento concomitante produzido pelo acaso abre novas possibilidades de exploração da complexidade da personagem; a exemplo disto, convém citar os sentimentos contraditórios de Jorge expostos anteriormente e também a primeira carta explicitamente alusiva ao desejo e ao convite à relação sexual que Luísa recebe do primo:

E Luísa tinha suspirado, tinha beijado o papel devotamente! Era a primeira vez que lhe escreviam aquelas sentimentalidades, e o seu orgulho dilatava-se ao calor amoroso que saía delas como um corpo ressequido que se estira num banho tépido; sentia um acréscimo de estima por si mesma, e parecia-lhe que entrava enfim numa existência superiormente interessante onde cada hora tinha o seu encanto diferente, cada passo conduzia a um êxtase, e a alma se cobria de um luxo radiante de sensações!⁶⁰

⁶⁰ QUEIRÓS, 1997, pp. 178-179.

É possível notar, portanto, uma aproximação entre a complexidade de Jorge e a de Luísa, pois ambos são perscrutados pelo narrador em reflexões aparentemente desconexas e contraditórias, de acordo com o estímulo externo recebido. Cabe destacar que os paradoxos existentes entre, por exemplo: a presença do Determinismo, a decorrente causalidade e a interferência do fado; o controle exercido pela sociedade e a transgressão do indivíduo; a planificação da personagem e sua densidade interior resultam em um enriquecimento de *O Primo Basílio*, remetendo à ausência de valores absolutos e conceitos estreitos e finitos, característica inerente da obra de arte e, por que não, da condição inerente ao ser humano.

2.2 O acaso e os veículos da peripécia: a carta

O dado sobre o qual passamos a discorrer nesta seção é a maneira como a carta é inserida em *O Primo Basílio* e sua importância no desenrolar da ação. A maior parte das reviravoltas do romance é marcada pela presença de uma carta: esta é o veículo da *peripécia* que conduz a personagem de um estado a outro, seja da tranquilidade ao desespero, do tédio à excitação, da marginalidade ao domínio, da ignorância ao conhecimento de uma verdade (aqui a peripécia surge transmutada de *reconhecimento*) e também dos *padecimentos* de Jorge e de Luísa.

Luísa é o que se pode classificar de “leitor ingênuo”⁶¹ – desprovida de meios de análise e de reflexão sobre o que lê, não extraindo de suas leituras grandes proveitos intelectuais. Retomando a lição dos antigos, já em Horácio temos que a função da obra

⁶¹ Julio Cortázar, por exemplo, trabalhou a questão do leitor ingênuo que se torna vítima de sua despreocupada leitura em seu conto “Continuidad de los Parques”. In: CORTAZAR, 1969.

literária é deleitar, ensinar e comover⁶². Luísa apenas se comove e se deleita (melhor seria dizermos que se distrai); não absorve aprendizado pois não é capaz de analisar crítica e objetivamente o que lê; e essa característica de leitora “ingênua” viabiliza sua sedução pela carta banal e repleta de clichês de Basílio:

‘Que outros desejem a fortuna, a glória, as honras, eu desejo-te a ti! Só a ti, minha pomba, que tu és o único laço que me prende à vida, e se amanhã perdesse o teu amor juro-te que punha um termo, com uma boa bala, a essa existência inútil’⁶³

A recepção dessa carta por Luísa marca o início de sua condição de adúltera:

E Luísa tinha suspirado, tinha beijado o papel devotamente! Era a primeira vez que lhe escreviam aquelas sentimentalidades e seu orgulho dilatava-se ao calor amoroso que saía delas (...).

(...) Foi-se ver no espelho: achou a pele mais clara, mais fresca, e um enternecimento úmido no olhar; seria verdade então o que dizia Leopoldina, que ‘não havia como uma maldadezinha para fazer a gente bonita?’

Tinha um amante, ela!⁶⁴

Curiosamente, a resposta de Luísa a esse bilhete de Basílio é o que provocará sua mudança de posição em relação a Juliana – de patroa passará a subordinada. Esta é a carta da qual a empregada se apossa:

‘Meu adorado Basílio.
Não imaginas como fiquei quando recebi a tua carta pela manhã, ao acordar.
Cobri-a de beijos...

⁶² Horacio, *In: ARISTÓTELES, HORÁCIO, LONGINO, 1981, verso 48.*

⁶³ QUEIRÓS, 1997, p.178.

⁶⁴ QUEIRÓS, 1997, p. 179.

(...) E se tu me tivesses pedido a vida dava-ta, porque te amo, que eu mesma me estranho!... (...) Mau! Tinha vontade de te dizer adeus para sempre, mas não posso, meu adorado Basílio! É superior a mim. Sempre te amei, e agora que sou tua, que te pertença de corpo e alma, parece-me que te amo mais, se é possível...'⁶⁵

A carta aqui surge como denunciadora da personagem ao leitor, enfatizando as deficiências de Luísa enquanto escritora; sua missiva revela-se um texto previsível e repetitivo, no qual faltam articulação e coesão e há o emprego de lugares comuns, indicando as carências da educação da personagem. Tais carências remetem-nos, uma vez mais, à questão do leitor ingênuo.

A peripécia que segue é a que marca a reversão dos papéis criada/senhora entre Luísa e Juliana, que então revela a posse da carta escrita por Luísa.

- A senhora não me faça sair de mim! A senhora não me faça perder a cabeça! – e com a voz estrangulada através dos dentes cerrados – olhe que nem todos os papéis foram para o lixo!

Luísa recuou, gritou:

- Que diz você?

- Que as cartas que a senhora escreve aos seus amantes, tenho-as eu aqui!

- E bateu na algibeira, ferozmente.⁶⁶

Nessas muitas reviravoltas e no clima de constante tensão e desespero de Luísa, podemos perceber que, mais do que um “acessório”, a carta e a casualidade são dados imprescindíveis para que se atinja o clímax no qual a proposta determinista do Naturalismo será corroborada - a esposa concretizará o adultério e posteriormente será punida (de muitas formas): o marido interar-se-á da traição, a empregada recorrerá à

⁶⁵ Idem, p. 186.

⁶⁶ QUEIRÓS, 1997, pp. 239-240.

chantagem e à tão acalentada vingança, e todos os elementos já esboçados no capítulo de abertura do romance serão retomados, afinal, da maneira previamente vislumbrada pela *hipótese*, dado fundamental para os romances experimentalistas.

2.3 O alvo da peripécia: a figura da mulher

A fim de conduzir a trama de forma drástica, suscitando a comoção do leitor, a peripécia enquanto estratégia narrativa geralmente age sobre um personagem central, de preferência reiteradamente, aumentando assim ainda mais seu efeito no enredo. Destarte, passamos agora a discorrer sobre os dois alvos da peripécia em *O Primo Basílio*: Luísa e Juliana.

No que concerne à questão, é interessante a forma como Roseana Figueiredo tratou o tema em sua dissertação de Mestrado em Literatura Comparada⁶⁷. Neste texto, que tem como objetivo primordial elucidar as convergências e divergências entre as personagens eciana Luísa e machadiana Capitu, tendo por pressuposto basilar as condições particulares de existência da mulher do século XIX, temos um estudo que visa, sobretudo, analisar a representação feminina na obra de ambos os autores desde a perspectiva histórica e social e, concomitantemente, abordar as distintas acepções da obra de arte literária para Eça de Queirós e para Machado de Assis.

Roseana Figueiredo trata das novas concepções do romance no século XIX no excerto que segue:

⁶⁷ FIGUEIREDO, 2001.

Os conceitos de Realismo e Naturalismo confluíram para o ideal positivista deste período; pressupunham uma submissão do texto artístico à realidade, e ao artista importavam a observação e a experiência empírica e não a idealização da realidade que caracterizou o Romantismo. Admitindo que toda obra literária contém uma deformação resultante da subjetividade do artista, o Realismo na Literatura, longe de constituir cópia exata do real, é resultado do próprio processo de deformação que provoca a impressão ou o efeito do real⁶⁸.

Tal parágrafo recorda a discussão proposta anteriormente acerca do “elemento acessório”. A casualidade e a interferência da carta no enredo não surgem como fatores antagônicos ao “efeito do real”, dado que não influem no romance de 1878 senão revestidos da verossimilhança, pois, ainda que a ação dependa em vários momentos do “fortuito”, há toda uma concatenação estruturada no enredo e na configuração das personagens que permitem ao leitor a recepção dos fatos do acaso sem a sensação de estranhamento ou incongruência na obra. Deste modo, a carta que denuncia o adultério a Jorge⁶⁹, que Basílio enviara com muito atraso a Luísa, chega no exato momento de comprometer a frágil saúde da esposa convalescente; este é um ponto crucial, pois o fado e a presença da carta determinarão a vida ou a morte da personagem e também o desengano do marido traído. A carta implica, portanto, o desfecho algo trágico e desiludido do romance.

No entanto, tal intervenção propícia não parecerá incoerente, dado que não é gratuita ou mesmo injustificada, porque capítulos antes Luísa havia escrito a Basílio a pedir-lhe desesperadamente o dinheiro da chantagem de Juliana⁷⁰. Mas, dado que não

⁶⁸ Idem, pp. 18-19.

⁶⁹ (...) És bem injusta. A minha partida não te devia ter tirado, como tu dizes, todas as ilusões sobre o amor, porque foi realmente quando saí de Lisboa que percebi quanto te amava e não há dias, acredita, em que não me lembre do **Paraíso**. Que boas manhãs! (...) QUEIRÓS, 1997, pp. 409-410.

⁷⁰ Capítulo IX : “Um dia enfim escreveu-lhe. Era uma carta longa, um pouco confusa, pedia-lhe *seiscentos mil réis*.”. QUEIRÓS, 1997, p. 284.

recebia resposta alguma, Luísa desviou o foco de sua atenção para outros pontos, distraíndo assim o leitor, que recebe o impacto da chegada da carta do primo tão inesperadamente quanto Luísa.

O fortuito deste episódio reside na imensa demora da resposta, que Basílio justifica com uma longa viagem que empreendera pela Europa, tardança essa de dois meses que custa a vida à Luísa, pois além do comprometedor papel cair em mãos erradas, isso ocorre quando a enfermidade da esposa adúltera já a havia consumido de modo preocupante.

É interessante notar que Roseana Figueiredo também trata, em determinado ponto, da intervenção do acaso – mas apenas parcialmente, somente no que concerne à obra machadiana:

Realizando a análise do indivíduo, Machado vai mostrar que, por mais que a ciência ou a lei tentem estabelecer normas ou padrões modeladores de comportamento, este não pode ser totalmente submetido, em vista dos desejos e dos impulsos individuais, ou da *intervenção fortuita*, e, pois, *incontrolável do acaso*.⁷¹ (grifo nosso)

Notamos que, conforme essa análise (que discorre sobre *Dom Casmurro*), o acaso, bem como sua intervenção crucial no destino da personagem, seria um dado ressaltado na obra de Machado de Assis, ainda que na crítica de 1878 ao romance de Eça o mesmo aspecto tenha sido alvo de evidentes ressalvas. Para o autor e crítico literário brasileiro, o fado seria um fator em choque com os preceitos deterministas, contrariamente ao que acreditamos que ocorre em *O Primo Basílio*, no qual o acaso intervém no sentido de

⁷¹ FIGUEIREDO, 2001, p. 41.

facilitar e, por vezes, extrapolar as conseqüências culminantes já anteriormente delimitadas pela inserção dos dados deterministas. O fortuito e os pressupostos cientificistas não acarretam conflito, como, segundo Roseana Figueiredo, parece ocorrer na ficção realista machadiana, a exemplo do romance de 1900, no qual a tese de Bentinho de que a Capitu adulta estava dentro da menina “como uma fruta dentro da casca” é apresentada por um narrador obcecado, suscitando a desconfiança do leitor ante seu olhar parcial, limitado e comprometido, para dizer o mínimo.

Em *Eça de Queirós*, o fado e os aspectos naturalistas constituem uma unidade verossímil. Assim, o episódio da intriga das cartas desdenhado por Machado enquanto motor de enredo é um “elemento acessório” inestimável para a exploração da questão do conflito de classes e de perspectivas entre Luísa e Juliana; intriga essa que ainda está vinculada à fortuita sorte da criada em obter uma carta escrita por Luísa. Afinal, podemos pensar, apenas os bilhetes de Basílio seriam insuficientes para o fim de documentar a união entre os primos, pois não atestariam reciprocidade.

Para Roseana Figueiredo

Luísa, como já dizia Machado de Assis, não tem pessoa moral. Há nela uma ausência de caráter, o que implica o predomínio do incidental sobre o essencial. Esse *defeito* é valioso na medida em que o acessório – a posse das cartas comprometedoras – vai enriquecer o romance pela revelação de uma personagem perfeita – dramática, esférica e surpreendente – bem ao gosto de Machado: que foi Juliana.⁷²

Gostaríamos de salientar que no excerto acima há dois apontamentos com os quais estamos em franco desacordo. O primeiro é que o “incidental”, em oposição ao

⁷² FIGUEIREDO, 2001 p. 54.

“essencial”, seria um “defeito”, termo emprestado da apreciação crítica machadiana. Inclusive, ao qualificar o “defeito” como “valioso”, a autora já subtrai muito do caráter negativo a ele atribuído. Como vimos, esse “elemento acessório” permitirá à obra queirosiana discorrer sobre temas suplementares (mas não por isso de menor importância) ao adultério, supostamente cerne do romance de 1878, como a luta de Juliana para ascender na escala social e, por que não, ocupar o exato lugar de Luísa, imaginando ter ela própria uma criada com a qual reproduziria a mesma situação que tanto rancor lhe suscita - passando, entretanto, a ocupar o posto mais vantajoso.

O outro ponto é que a caracterização de Juliana como “surpreendente” é no mínimo discutível, visto que a criada é a personagem mais fortemente marcada pelas concepções do Determinismo na trama – ela provém de uma família de serviçais, desde jovem revolta-se contra a submissão própria de sua condição, é amargurada, de temperamento azedo e irritadiço, reincide o mesmo comportamento repreensível em todas as casas que a contratam e desde muito já estava maquinando suas intenções chantagistas e acalentando o sonho de ser “patroa”, comer bem, beber vinho comprar muitos pares de botinas envernizadas... e, quem sabe, inclusive obteria assim um “marido” e uma vida sexual ativa, tal qual Luísa.

Além da ânsia de desfrutar de todos estes aspectos, outro dado a preocupa verdadeiramente - a idade. Juliana está envelhecendo, tem já quarenta anos e sua saúde está deveras comprometida, pois possui problemas cardíacos. Faz-se, portanto, necessidade urgente garantir o “pão da velhice”, como ela diz em diversos momentos, da forma que puder.

O pão! Aquela palavra que é o terror, o sonho, a dificuldade do pobre assustou-a. Era fina, dominou-se. Começou a fazer-se “uma pobre mulher”, com afetações de zelo, um ar a sofrer de tudo, os olhos no chão! Mas roía-se por dentro; veio-lhe a inquietação nervosa dos músculos da face, o tique de franzir o nariz; a pele esverdeou-se-lhe de bÍlis. A necessidade de se constranger trouxe-lhe o hábito de odiar, odiou sobretudo as patroas, com um ódio irracional e pueril.⁷³

Juliana já captou os elementos que regem a sociedade em que está inserida, apossando-se dos mesmos para zelar por sua sobrevivência: a *hipocrisia* (simular afeto) e a *vitimização* (fazer-se de humilde e submissa). No entanto, o esforço empreendido para sustentar esse simulacro irrita-a, afetando inclusive sua já comprometida saúde. Todos esses aspectos, somados ainda ao aconselhamento da tia Vitoria (que sobrevive atuando como alcoviteira e usurária), convergem para a configuração e o procedimento da amargurada Juliana, marcada pela avidez a tudo o que sempre lhe foi negado.

Juliana não aceita o papel pré-estabelecido de subordinação que lhe é imposto por esta estrutura hierarquizante e sem mobilidade da sociedade, podendo-se dizer, portanto, que se revolta contra esse Determinismo que limita sua existência. No entanto, mais uma circunstância do acaso mantê-la-á atada a essas condições: seu edema. Ao dar-se conta de sua débil saúde, Juliana reforçará sua indignação ante o que não pode *controlar* através de seus esforços em buscar uma vida mais cômoda.

Mas o fado também pode beneficiar Juliana, compensando-a: há muito, buscava ela um segredo, um “podre” (como ela mesma o define), alguma relação ilícita de suas patroas que lhe possibilitaria realizar uma chantagem e assim passar da classe das serviçais à das que se beneficiam dos serviços alheios. Seu maior desejo, paradoxalmente, é integrar-se ao grupo que tanto asco inspira-lhe.

⁷³ QUEIRÓS, 1997, p.77.

Portanto, essas duas circunstâncias do acaso favorecerão Juliana: estar em uma casa na qual, de fato, há um “podre” e a facilidade que encontra para apossar-se das provas do adultério. Juliana já havia usurpado cartas e bilhetes de Basílio; porém, faltava-lhe uma escrita pela própria Luísa, que corroborasse sua culpa. O que ela relata em sua missiva, como já vimos anteriormente, de fato, deixa poucas dúvidas quanto ao envolvimento dos primos.

Tal carta é obtida no momento em que a patroa, atarantada pela súbita chegada de Dona Felicidade (cuja voz grossa e algo masculina leva Luísa a um verdadeiro estado de pânico ao imaginar tratar-se do marido), verte descuidadamente a carta repleta de derramamentos sentimentais que então redigia ao primo em um cofrezinho de papéis, o “sarcófago”. Juliana, mais que depressa, aproveita-se da oportunidade de ouro e apossa-se da prova irrefutável do envolvimento amoroso entre os dois primos. O valor da aquisição de Juliana é ainda confirmado pelo desespero de Luísa ao procurar a carta após a saída de Felicidade.

Como freqüentemente ocorre às antagonistas, o acaso que favorece Juliana prejudica Luísa e vice-versa. Por isso, a morte fulminante de Juliana servirá de alívio temporário à angústia de Luísa, que se excrucia com a humilhante inversão de papéis à qual se submete. Poderíamos assinalar que esta morte ocorre em momento propício para que o adultério permaneça ainda em silêncio, uma vez que Jorge, ao retornar, já começava a atentar para a disparatada situação entre ambas, além de notar certas peculiaridades no comportamento íntimo da esposa, que busca legitimar seus prazeres descobertos ao lado do amante, compartilhando-os com o marido atônito.

Monica Figueiredo⁷⁴, como citamos brevemente no capítulo anterior, em sua tese de doutoramento, desenvolve uma análise baseada em como os preceitos burgueses refletem-se na representação da mulher no universo literário, bem como o espaço - físico e social - a ela destinado. No primeiro capítulo da tese, após a Introdução, ela debruça-se sobre *O Primo Basílio* de Eça de Queirós, tendo em vista a interdição do desejo feminino e a valorização vitoriana do *sweet home* burguês. No excerto a seguir, ela trata da questão de como os autores naturalistas e realistas encaram a tentativa de inserção de uma análise aprofundada da personagem feminina, considerando as amplas modificações no cenário mundial (sobretudo se pensarmos na Europa) no conturbado contexto do século XIX:

Por estarem atados a uma escola onde a ilusória crença na possibilidade de representação fiel da realidade ainda era possível, os autores realistas ‘procuravam, ao mesmo tempo, descobrir quais as forças psicológicas que moviam seus fantoches animados no palco da vida’ (GAY Peter. *A Experiência Burguesa: da Rainha Vitória a Freud*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p.149) investigação que, aliás, Eça conduziu muito bem ao criar um ‘efeito do real’ que privilegiava o detalhe e que expunha não só a interioridade de um país, de uma cidade e de uma casa, mas também a topografia de corpos aprisionados que se debatiam na procura de um espaço possível para seus desejos.⁷⁵

Como estamos vendo, o “efeito do real” está presente em grande parte das reflexões centradas em *O Primo Basílio*. Monica Figueiredo destaca que o objetivo primordial queirosiano havia sido o de denunciar e combater a letárgica e anacrônica pátria portuguesa e sua obra terminou por mostrar, no entanto, que “esse projeto original de Literatura de denúncia foi largamente ultrapassado porque, além da crítica violenta às instituições colocadas em xeque, foi a dolorosa condição humana de uma classe

⁷⁴ FIGUEIREDO, 2002.

⁷⁵ FIGUEIREDO, 2002, p.29.

aprisionada por toda a sorte de leis que Eça de Queirós conseguiu desvelar, talvez, sem o saber”⁷⁶.

A autora destaca, por várias vezes, a importância crucial do *controle do e sobre o* indivíduo na sociedade oitocentista. Mais adiante, ela conclui que “Tornados hipócritas, homens e mulheres burgueses lutaram silenciosamente para garantir espaço para suas pequenas paixões num mundo em que a superficialidade das relações era preferível ao *risco* que significava a perda do controle sobre si e sobre o outro”⁷⁷. Nesta perspectiva, o controle constitui valor crucial em todos os níveis de relacionamento inter e intrapessoal.

Ela também sublinha que somente através do espaço fixo destinado ao feminino, restrito por excelência, é que o masculino conseguia garantir e firmar a própria existência⁷⁸. Notemos, como apontado pela autora, o choque de Jorge ao ler a carta de Basílio e, então, descobrir os desejos da esposa: trata-se de um encontro com o *outro*, poderíamos também dizer, do *familiar-estranho* freudiano, pois o esposo atônito é impelido, muito a contra gosto, a reconhecer o *outro* em seu *familiar* matrimônio, aceitando Luísa enquanto ser humano provido de vontade própria e, mais surpreendentemente ainda, de libido. A autora ainda explana o aspecto de Jorge e Basílio constituírem duas diferentes faces de uma mesma moeda, pois possuem ambos uma única função, a de proporcionar uma alienante esperança às mulheres, este à prima lisboeta e aquele à mulher do estaqueiro do Alentejo⁷⁹ (trata-se de outra carta

⁷⁶ FIGUEIREDO, 2002, p. 30.

⁷⁷ FIGUEIREDO, 2002, p. 31.

⁷⁸ FIGUEIREDO, 2002, p.43.

⁷⁹ Luísa, por um descuido de Sebastião lê a seguinte missiva dirigida a este: “ ‘Saberás, amigo Sebastião, que fiz aqui uma conquista. Não é o que se pode chamar uma princesa, porque não é nem mais nem menos que a mulher do estaqueiro. Parece estar abrasada no mais impuro fogo por este seu criado.(...) Olha, se a Luísa soubesse desta aventura! De resto, o meu sucesso não pára por aqui: a mulher do delegado faz-me um olho dos diabos! (...) Muito bonito colo – e uma queda do diabo... E aqui tens o teu amigo feito um Don Juan do Alentejo, e deixando rastros de chamas sentimentais por essa província fora! (...)’ “ QUEIRÓS, 1997, pp. 273-274.

importantíssima, pois além de revelar uma faceta até então desconhecida de Jorge, encorajará Luísa a posteriormente recorrer à ajuda de Sebastião, cuja intervenção implicará a morte de Juliana). A seguir, Monica Figueiredo define o equívoco central de Luísa: “Por não ter tido consciência de que Basílio e Jorge eram ficções criadas pelo seu olhar, nunca ultrapassou o seu mundo privado para concluir sobre o vazio histórico a que as mulheres do século XIX estavam condenadas”⁸⁰.

O momento culminante da importância da carta, sem, contudo, deixar de considerar sua interação com a estrutura social concentrada na atuação masculina, como já apontamos anteriormente, é evidente na morte de Luísa: “(...) Se a morte de Juliana chega pelas mãos de Sebastião, a de Luísa chegará através das palavras escritas na carta de Basílio e conduzidas pelas mãos de Jorge. Não se pode esquecer que se está num tempo de decisões masculinas”⁸¹.

Segundo Monica Figueiredo, o destino final de Luísa é trágico, sobretudo, porque

(...) inscrever-se como agente participante da história só é possível para aquele que se sabe sujeito, ou melhor, para aquele que tem a linguagem. Ainda no século XIX, Luísa sabia o que lhe faltava, aquilo que em ausência a impedia de ser e é por isso que lançou a pergunta fundadora ‘Com que linguagem?’ Recusando o lugar do silêncio, as personagens contemporâneas [Paula, de *Pedro e Paula* de Helder Macedo; a filha de Valter de *O Vale das Paixões* de Lídia Jorge e, finalmente, a mulher do médico em *Ensaio sobre a Cegueira* de José Saramago] engendram um percurso de aprendizagem da linguagem e, conseqüentemente, de aquisição do conhecimento.⁸²

Luísa articula mentalmente a sentença exposta pelo narrador onisciente quando pensa em deter-se por alguns momentos em uma igreja e orar pela resolução de seus

⁸⁰ FIGUEIREDO, 2002, p.43.

⁸¹ FIGUEIREDO, 2002, p. 54.

⁸² FIGUEIREDO, 2002, p. 288.

problemas; mas logo se dá conta de que não sabe com que linguagem dirigir-se-ia a Deus: “Queria falar com Deus, abrir-se toda a Ele; mas com que linguagem? Com as palavras triviais, como se falasse a Leopoldina! Iriam as suas confidências tão longe que o alcançassem?”⁸³.

Porque somente com Leopoldina, mulher como ela e, principalmente, adúltera e transgressora como ela, poderia de fato comunicar minimamente suas ações e solicitar compreensão e auxílio. Deus não está acessível a um ser tão insignificante como o é a mulher nesta sociedade, por isso Luísa não sabe como dirigir-se a Ele. Como vemos, a posse do discurso é a garantia de existência do sujeito, e a ausência do mesmo ou, antes, a presença de outro que a condene, significa uma sentença de morte para Luísa. Sentença essa que possui dois “algozes” masculinos e um terceiro feminino.

Convém ainda destacar o modo como a divindade é configurada na percepção da personagem: longínqua, inacessível, suscitando angústia antes que conforto: tolhedora de impulsos e vontades, não guia, apenas cerceia; nem poderia ser diferente, haja vista a forma como a educação religiosa marcada pela repressão aos sentidos vigora através da herança católica em Portugal.

Em relação à Juliana, a autora a define como “o limite da infelicidade feminina” e destaca que ela está, desde o nascimento, relegada à servidão. Contudo, a criada constante e incansavelmente busca um meio de ascensão, pois não se conforma com tal papel pré-estabelecido. E sua única possibilidade viável é explorar a *falha* daqueles que usufruem seus serviços, oprimindo outro membro do seu mesmo sexo, pois quando os homens entram em cena – como é o caso da intervenção de Sebastião – ela não tem chance alguma de se defender e contra-atacar:

⁸³ QUEIRÓS, 1997, p. 321.

E foi pela posse do discurso do outro que aprisionou Luísa. Por isso, Juliana esperou, pacientemente, por um erro de Luísa. Pela certeza do adultério, deu-se ao luxo de rejeitar o primeiro bilhete, aquele incompleto que a patroa escreveu a Basílio e que escondeu, com imprudência, no bolso de um vestido. A criada sabia que precisava de um discurso pronto, irrefutável, e, principalmente, assinado para que pudesse selar a desgraça da patroa.⁸⁴

Temos aí, mais uma vez, a carta, símbolo inequívoco do discurso da personagem, selando o destino e, viabilizando a inserção das personagens femininas na estrutura social, seja em trajeto ascendente (Juliana) ou descendente (Luísa). Neste ponto, convém lembrar a busca da esposa adúltera para tentar garantir sua sobrevivência através do sigilo de sua traição, com a negociação com a empregada chantagista, dificultada ao extremo com a presença e a vigilância desconfiada de Jorge:

Sua vida só volta a ser *sua* depois que anoitece, trancada no quarto, onde tenta legitimar com o marido uma sexualidade que foi descoberta na rua. Mas também aqui falecem os seus esforços. Jorge se espanta e não a reconhece: o *paraíso burguês* não foi criado para suportar nenhum excesso e o corpo de Luísa já não cabe no antigo quarto. Pela primeira vez, ela tentava reunir, em um único homem, a sexualidade vivida com Basílio e o afeto experimentado com Jorge, síntese que, se conseguida, seria capaz de lhe dar uma plenitude jamais vivenciada e, quem sabe, a casa também poderia ser verdadeiramente ocupada. (...). Na verdade, este romance não celebra os amantes ou o amor plenamente realizado, daí que o desabrigo seja o destino certo que acompanha todos os personagens.⁸⁵

O trabalho de Monica Figueiredo foi-nos precioso, pois possibilitou que estabelecêssemos uma correspondência entre a carta, o acaso, a sociedade oitocentista

⁸⁴ FIGUEIREDO, 2002, p. 54.

⁸⁵ Idem, pp. 84-85.

portuguesa (que, para a autora, pode ser classificada como vitoriana) e, sobretudo, o *controle*, propondo a hipótese de que é sobre este último que o “elemento acessório” apontado por Machado constrói o verdadeiro antagonismo, e não sobre o Determinismo, como foi reiteradamente realçado ao longo de sua apreciação n’ *O Cruzeiro*.

Todos esses conflitos, imersos em meio a uma sociedade de caráter burguês e moralizante, na qual a mulher e, conseqüentemente, sua representação na obra literária, ocupavam posição extremamente desvantajosa (sendo vítimas igualmente de controle, do acaso e do Determinismo) enriquecem a leitura de *O Primo Basílio*, permitindo novas e amplas possíveis leituras que considerem tais associações harmônicas, caso do Determinismo, ou conflituosas, como ocorre com o controle do *indivíduo* oitocentista, ambas veiculadas e expostas no romance através das cartas.

3. A sanção moral e religiosa na sociedade oitocentista portuguesa

Eça de Queirós dedicou bastante atenção ao tema das vicissitudes da sociedade lusitana, a seu ver, carente de um homem de letras que servisse de “antena” para conduzi-la saudavelmente a um caminho de depuração; e um membro dos mais necessitados dessa sociedade seria precisamente a figura da mulher. Anteriormente, já nos referimos à presença de textos jornalísticos do autor sobre a questão; há, inclusive, autores⁸⁶ que se referem a *O Primo Basílio* como uma extensão (e demonstração via *mimesis*, ficcionalmente) de um artigo de 1872 publicado em *As Farpas* sobre o tema da educação da mulher lisboeta, que conclui desoladoramente que

Uma só consideração resumirá estas notas: a mulher na presença do mundo tentador – está hoje desarmada. Desarmada, inteiramente. A família, com a sua dignidade, enfraqueceu; a religião tornou-se um hábito incompreendido; a moral está-se transformando e enquanto se transforma, não influencia nem dirige; a fé já não existe; a prática da justiça ainda não chegou; em que se apoiará a mulher? Isto poderá parecer vago. Um exemplo, pois, nítido e franco. Suponhamos que se lhe diz: “tu terás todas as elegâncias e triunfos da toilette; (...) amarás loucamente; serás doidamente amada por um homem novo e belo; vossos amores serão interessantes como um drama; mas para isto serás forçada a enganar teu marido e descuidar teus filhos, e tua existência será pecadora ante a religião, injusta perante a moral, indigna perante a família. - Aceitas?” Trata-se de saber se a moral contemporânea dá bastante força a uma alma, para que ela repila, sem mágoa, sem hesitação, com tédio - esta tentação cintilante.⁸⁷

Estamos em meio ao *topos* de *O Primo Basílio*: infidelidade, vacuidade das relações no matrimônio e mesmo no adultério, influências romanescas, ociosidade feminina... Vejamos como um crítico inglês analisa o assunto:

⁸⁶ Veja-se, por exemplo, SARAIVA, 1982.

⁸⁷ QUEIRÓS, 1979.

[Em 'As meninas da geração nova em Lisboa e a educação contemporânea'] Eça continua dissertando sobre a importância do exercício, da dieta, da postura correcta ao sentar e da boa qualidade do ar, lançando um aviso quanto às consequências pouco saudáveis da roupa apertada. Contudo, os breves excertos acima citados são suficientes para identificarmos as qualidades essenciais do carácter que se encontram em questão. A juntar à força, à coragem, à capacidade de decisão, e à 'consciência recta', sugere-se igualmente que '[a] saúde é o esplendor físico da *inocência*' - um tema que volta a surgir na referência a um 'sentir puro', em contraste com uma aparência pouco saudável e com 'ser devastado por apetites e sensibilidades mórbidas'. Por conseguinte, a saúde física e moral do indivíduo, e daí da nação, *dependem da abstinência de qualquer forma da actividade sexual, pelo menos fora dos limites apropriados da instituição do casamento* - um tema central na maioria das tramas ficcionais do Eça.⁸⁸ (grifo nosso)

Abstendo-nos de problematizar a leitura algo radicalista de Freeland ("qualquer forma de atividade sexual" parece-nos uma generalização perigosa), o tema da interdição da relação sexual ilícita - entenda-se, extraconjugal e/ou incestuosa, de qualquer espécie - aparece reiteradamente não apenas na produção ficcional como também nos ensaios do autor de Póvoa do Varzim. Conduz à sanção moral, padecimentos e, no caso do romance de 1878, morte: apenas degenerescência, portanto. Isso remete a um ideal de quase adestramento: comportamento moral aceitável ("inocência") gera recompensa na forma de vida saudável e reconhecimento dos demais; relacionamentos ilícitos ("morbidez") suscitam sanção moral imediata e afetam o funcionamento da nação como um todo.

Convém lembrar os ideais de intervenção e reforma na sociedade, carregada de vicissitudes morais, posturas reacionárias e mediocridade consentida nos meios literários da Geração de 70, com a qual Eça manteve estreitos laços (sobretudo no que concerne a Ramalho Ortigão e Teófilo Braga). Primeiramente, Eça havia concebido a ideia de apresentar um quadro amplo dessa sociedade, dividido em recortes específicos de pontos

⁸⁸ FREELAND, 2002, p. 102

problemáticos da mentalidade portuguesa. Esse projeto, inspirado na obra de Balzac e denominado *Cenas da Vida Portuguesa*, incluiria, por exemplo, *O Crime do padre Amaro*, com o subtítulo *Cenas da Vida do Clero*, *Os Maias* seriam as *Cenas da Vida Romântica* e, é claro, *O Primo Basílio* representando as *Cenas da Vida Doméstica*. Todos esses romances apresentam um tom trágico e desfechos repletos de *pathos*, além do cinismo irônico queirosiano, o que aparentemente corrobora a tese de que a “morbidez”, ou seja, os relacionamentos ilícitos conduzem ao padecimento, invariavelmente (pelo menos no que concerne aos personagens femininos).⁸⁹

Nota-se que um conceito sobressai-se quando se discute o período em questão: trata-se da *hipocrisia*. A dissimulação dos caracteres e atos, a construção de simulacros e outros recursos fornecem as máscaras que possibilitam ao indivíduo exercer minimamente seu livre arbítrio, ainda que de uma maneira visivelmente limitada, e seguir usufruindo de respeitabilidade pelos demais. Jorge e Luísa são excelentes exemplos disto, pois ambos são incapazes de encarar um ao outro objetivamente, seja por uma “miopia” motivada pela falta de interesse em perscrutar o outro (afinal, nada subsiste com tanta força quanto uma idealização romântica, a mulher como ser angelical e submisso, o homem viril e disposto a tudo para defender a própria honra), seja pelo uso excessivo de máscaras que impedem a penetração até o verdadeiro caráter. Assim, da mesma maneira que, apesar de conviver a diário com o comportamento plácido do marido, ela acredita que o cônjuge seria capaz de matá-la ao inteirar-se do adultério, Jorge, antes de sua partida ao Alentejo, recomenda a Sebastião que

⁸⁹ Esta tese será relativizada posteriormente na própria obra ficcional de Eça de Queirós, por exemplo, no romance *Alves & Cia*, publicado postumamente em 1924, cujo tempo de composição suposto compreende de 1887 a 1889.

(...) enquanto eu estiver fora, se te constar que a Leopoldina vem por cá, avisa a Luísa! Porque ela é assim, esquece-se. Não reflexiona. É necessário que alguém lhe diga: -Alto lá, Isso não pode ser. Que então cai logo em si, e é a primeira!... Vens por aqui, fazes-lhe companhia, fazes-lhe música, e se vires que a Leopoldina aparece ao largo, tu logo: - Minha rica senhora, alto lá, olhe que isso não! Que ela, sentindo-se apoiada, tem decisão. Senão acanha-se, deixa-a vir. Sofre com isso, mas não tem coragem de lhe dizer: não te quero ver, vai-te! Não tem coragem para nada; começam as mãos a tremer-lhe, a secar-se-lhe a boca...É mulher, é muito mulher! Não te esqueças, hem, Sebastião?⁹⁰

Corroborando sua visão totalmente equivocada da mulher, visto que ela não só aprecia verdadeiramente Leopoldina como não teme de maneira alguma o olhar da vizinhança ao recebê-la em sua casa – o que, tendo um vizinho bisbilhoteiro como o Paula, é de se destacar como corajoso – além de, é evidente, ofender-se com qualquer intervenção de Sebastião ou Julião em sua residência. Cabe destacar, igualmente, a configuração de Luísa aos olhos de Jorge não só como pessoa de pouca inteligência e submissa, mas também incapaz de administrar a própria vida e a residência do casal quando da ausência do marido, necessitando de um olhar masculino para advertir atitudes inadequadas aos olhos de outrem.

De certo modo, este paternalismo próprio das atitudes tolhedoras de Jorge não está desautorizado pelo narrador, pois é enfatizada em diversos momentos do enredo a falta de discernimento de Luísa ao conduzir as próprias ações: como consentir que uma criatura que mal consegue redigir cinco linhas sem recorrer a inúmeros clichês ultraromânticos gerencie uma propriedade e conduza suas ações de maneira decorosa em público sem a supervisão constante de um ser humano do sexo masculino? Evidentemente, trata-se de um narrador oitocentista que, por mais que se pretenda neutro e impessoal, está sutilmente impregnado de valores ibéricos sobre a configuração da

⁹⁰ QUEIRÓS, 1997, p. 50.

personagem de sexo feminino, ainda que se apresente como representante de novas técnicas e olhares sobre a sociedade. Convém, ainda, destacar a tautologia da questão: Luísa é inerte, por isso deve ser “tutelada” por um homem, ou por ser constantemente cerceada por outrem tornou-se incompetente para gerir a própria vida?

Uma vez mais, estamos emaranhados em meio ao espinhoso tema da (não) formação da mulher que, incapacitada de zelar pela própria virtude e bem-estar – recordemos a insistência de Eça na questão da saúde, além do comportamento moral – ou deve permanecer sempre baixo a tutela severa de outrem ou cairá sob o apelo de qualquer *dandy* indecoroso capaz de articular três linhas com os mesmos clichês arquiconhecidos por ela própria, a exemplo de Basílio.

Um segundo exemplo de comportamento feminino altamente marcado pela intervenção da sociedade, em especial o marido, é de Leopoldina. De início, sendo filha do devasso conde de Quebrais, já era alvo de olhar reprovativo; em seguida, ao unir-se a um cônjuge de mais idade, passa a ser alvo de chacota devido ao evidente caráter de transação econômica do matrimônio; finalmente, ao manter relações extraconjugais de maneira pouco discreta, torna-se a “Pão e Queijo”, passando ao ostracismo, afastada dos lares de respeito (como se pretende a casa do engenheiro) e de animadas *soirées* frequentadas por mulheres igualmente adúlteras, ainda que mais dissimuladas em suas transgressões. Para coroar as sanções de Leopoldina, cabe-lhe um marido que, semelhantemente a Jorge, incumbe-se ele próprio das ordens domésticas, jantando a seu gosto em horários nos quais a esposa encontra-se fora, para desgosto desta, que se ofende por considerar que se alimenta somente dos “restos” deixados após a refeição do marido.

Assim, é configurada no romance uma figura feminina desprovida de voz de comando, de conhecimento (seja empírico ou teórico), sem o suporte de uma doutrina ética ou religiosa para nortear o comportamento, com uma educação ineficaz e equivocada (voltada primordialmente a itens como a *toilette*, *costura* e romances que é incapaz de discernir) e com o constante olhar reprovador de vizinhos e “amigos” da casa, o espaço por excelência da mulher oitocentista portuguesa - a forçosa reclusão ao lar, no qual estão *a priori* interditas influências não consentidas pela figura do patriarca, que impede ainda que a esposa maneje a seu gosto o espaço por ela ocupado sem a interferência de um terceiro elemento severo e cerceador. Tais restrições ao modo de vida da mulher suscitam condições propícias para a ascensão do desejo de transgredir os limites de espaço e comportamento a ela permitidos. Isso acarretará um choque na visão dócil e limitada que o homem, como vimos, constrói da figura da esposa.

Como vimos anteriormente, há uma tendência da crítica que se debruça sobre *O Primo Basílio* de considerar Luísa um ser inerte, guiado e manipulado pelas mãos de terceiros; esse dado já remete à crítica machadiana de 1878, que a classificava reiteradamente como um “títere”. A esposa, conforme a tese que norteia o enredo, ansiava fortemente por uma excitação idealizada (com base em suas constantes leituras românticas) que a distrairia em época de ausência do marido. Após receber uma carta de Jorge, acometida de certo incômodo ao recordar o caráter do primo, reflete que

Não a esperava, e aquela folha de papel, cheia de uma letra miudinha, que lhe fazia reaparecer vivamente Jorge, a sua figura, o seu olhar, a sua ternura, deu-lhe uma sensação quase dolorosa. Toda a vergonha de seus desfalecimentos cobardes, sob os beijos de Basílio, veio abraçar-lhe as faces. Que horror deixar-se abraçar, apertar! (...). E, maquinalmente, pouco a pouco, ia-se esquecendo naquelas recordações abandonando-se-lhes, até ficar perdida na deliciosa lassidão que elas lhe davam, com o olhar lânguido, os braços

frouxos. Mas a idéia de Jorge vinha então outra vez fustigá-la como uma chicotada. Erguia-se bruscamente, passeava pelo quarto toda nervosa, com uma vaga vontade de chorar...(.)

(...); esforçava-se por pensar só em Jorge; mas as idéias más voltavam, mordiam-na; e achava-se desgraçada, sem saber o que queria, com vontades confusas de estar com Jorge, de consultar Leopoldina, de fugir para longe, ao acaso. Jesus, que infeliz que era! – E do fundo de sua natureza preguiçosa vinha-lhe uma indefinida indignação contra Jorge, contra Basílio, contra os sentimentos, contra os deveres, contra tudo o que a fazia agitar-se e sofrer.

Que não a secassem, Santo Deus!⁹¹

A revolta de Luísa ao ser surpreendida pela carta do marido traz à superfície uma série de desconfortos, pois esta é a representante material da presença de Jorge, um elemento crucial, pois não só remete ao empecilho de suas relações sexuais com o primo como também lhe impõe uma consideração sobre a ilegitimidade dos prazeres aos quais anseia. Sem dar-se conta precisa e conscientemente desses aspectos, Luísa revolta-se contra o elemento masculino em sua vida, algoz do qual igualmente depende as realizações de seus desejos, nas figuras do marido e do amante. Aqui se encontra uma concepção enraizada do domínio masculino na procedência da mulher. Luísa tem sua conduta pré-determinada por Jorge, por Sebastião em ausência deste e também por Basílio; ao final, quando acometida pela “febre cerebral”, o até então menosprezado Julião será o responsável por seus cuidados médicos, determinando como pode ou não agir e, por fim, ordenando-lhe o corte de seus louros cabelos, os quais simbolicamente constituem marcas de sua sensualidade feminina.

A cena de abertura do sexto capítulo⁹² do romance é a da entrada de Juliana, trazendo à Luísa uma carta de Basílio, que orienta o representante do hotel a esperar por uma resposta. Vemos aqui uma cena na qual o amante, tal qual um caçador, não só

⁹¹ QUEIRÓS, 1997, pp. 120-121.

⁹² Idem, pp. 178-179.

encurrala sua “presa” (que, segundo o que relatara anteriormente ao Visconde Reinaldo, já estava “caidinha”⁹³) com um ultimato mas também a pressiona com a imposição da diligência da resposta.

Luísa submete-se a esta imposição do primo, pois dele obviamente depende a concretização da relação sexual, da aventura que vislumbra por dentre as cenas descritas e devaneios de Leopoldina e as leituras de Alexandre Dumas Filho e Walter Scott. Deste modo, Luísa está subjugada ao âmbito masculino, por meio das figuras do amante, do esposo e até do representante do hotel.

A figura social do marido é um ponto cerne neste romance. Jorge tem, tão-somente, uma breve aparição na cena inicial de abertura, até o retorno do Alentejo, quase ao final do livro. No entanto, sua existência é o fator que conduz Luísa ao desespero, pois a chantagem de Juliana encontra-se assentada na possibilidade temida pela esposa de o marido vir a constatar suas relações passadas com o primo, cabendo-lhe, portanto, a ação de punir a mulher comprovadamente infiel. As cartas que possui a serviçal, duas de Basílio e uma de Luísa, nada mais são que meros objetos que, no entanto, sustentam seu elevado valor no *uso* que se pode ou não fazer deles; tanto é que Luísa apenas começa a preocupar-se com o que escrevera quando se inteira da ausência do bilhete amoroso que escrevia ao primo, temendo a possibilidade de alguém o encontrar antes.

Apenas pela certeza de que Luísa, ou talvez Jorge, interessar-se-iam em pagá-la para que abdicasse da posse das cartas é que Juliana havia tido o minucioso trabalho de interceptá-las; curiosamente, é da estrutura dessa sociedade a qual quer incorporar comodamente que Juliana aproveita-se em sua extorsão, pois conhece a gravidade da falta à qual incorrera sua patroa.

⁹³ Idem, p. 149.

No século XIX, instaurava-se uma polêmica acerca de qual ou como deveria ser a instrução da mulher; a Carta Constitucional em vigor estabelecia um contrato “Dos direitos e obrigações dos cônjuges”, que reproduzimos parcialmente a seguir:

Artigo 1. 184.

Os cônjuges têm a obrigação

- 1) Guardar mutuamente a fidelidade conjugal;
- 2) De viver juntos;
- 3) De socorrer-se e ajudar-se reciprocamente;

Artigo 1.185

Ao marido incumbe especialmente a obrigação de proteger e defender a pessoa e os bens da esposa, e esta de prestar obediência ao marido.

(...)

Artigo 1. 187

A mulher autora não pode publicar os seus escritos sem o consentimento do marido, mas pode recorrer à autoridade judicial em caso de recusa injusta d'ele.

(...)

Artigo 1.189

A administração de todos os bens do casal pertence ao marido, e só pertence à mulher na falta ou impedimento d'elle.⁹⁴

Esta subalternização da mulher é um dado que remete a sua concepção enquanto ser débil e intelectualmente inferior. A configuração da personagem Luísa, de certo modo, aponta para essa caracterização, sobretudo se lembramos do desprezo que o próprio Eça declarou nutrir pela sua criação ou, antes, pelo perfil no qual esta está assentada. A seguir, temos uma definição sumária das personagens de *O Primo Basílio* que Eça descreve a Teófilo, centrada em Luísa:

A senhora sentimental, mal-educada, nem espiritual (porque, Cristianismo, já não o tem; sanção moral da justiça, não sabe o que isso é) arrasada no romance, lírica, sobreexcitada no temperamento pela ociosidade e pelo mesmo

⁹⁴ Código Civil Português – Edição oficial, Coimbra, 1867, pp. 163-164. Apud SERRÃO, 1987, pp. 29-30.

fim do casamento peninsular, que é ordinariamente a luxúria, nervosa pela falta de exercício e disciplina moral, etc. Etc. - enfim, a *burguesinha da Baixa*.⁹⁵

As convenções sociais, supostamente, estavam em propósito de protegê-la de seu próprio livre arbítrio, que a colocaria em situações indesejáveis; quanto a isso, cabe recordar o artigo anteriormente citado, no qual Eça de Queirós elabora uma análise do perfil feminino (“As Meninas da geração nova de Lisboa e a educação contemporânea”⁹⁶) tecendo comentários pouco lisonjeiros sobre as moças, classificando-as como afetadas soberanamente pela vaidade, futilidade e preguiça. Como conclui Regina Ferreti, “Eça espelha o pensamento de sua época, focalizando um mundo feminino bastante restrito”⁹⁷, bem como, poderíamos acrescentar, suas infelizes consequências.

Convém citar, ademais, outro artigo (de autoria de Ramalho somente) presente n` *As Farpas*⁹⁸ que discorre sobre o que deve ser primordial na educação feminina: trata-se do preparo de um *caldo*. Aromático, não gorduroso, nutritivo – é a prerrogativa da boa digestão e do estado propício para o *homem* poder dedicar-se saudavelmente ao estudo intelectual e resolução dos problemas da sociedade. Apresenta-se como exemplo de civilização superior a Inglaterra, onde a demanda pelas 'Academias Femininas dos Caldos' teria levado à abertura de várias sucursais ao longo do território britânico. Assim, podemos destacar que as análises eciana e ramalhiana do caráter feminino coincidem com muitos dos preceitos básicos da moral oitocentista, ao negar à mulher o reconhecimento da intelectualidade e do livre arbítrio. No entanto, ainda que subalternizada pela sociedade burguesa, esta é digna de constituir a linha condutora da

⁹⁵ Trecho de carta de Eça de Queirós a Teófilo Braga datada de 12 de março de 1878, *Apud* CAMPOS, 1988, pp. 752-753.

⁹⁶ QUEIRÓS, 1979, pp.1200-1214.

⁹⁷ *Idem*, p. 685.

⁹⁸ ORTIGÃO, 1986.

leitura do romance de 1878, que narra uma tentativa (ainda que frustrada) de transpor esse circuito tão limitado de ação e pensamento.

A transgressão que acarreta o motor do enredo pertence a Luísa, não a Jorge; a questão sobre se as cartas serão ou não recuperadas é de interesse de Luísa e Juliana - ainda que Leopoldina tente auxiliar a amiga, apenas a intervenção de um ser do sexo masculino, Sebastião, poderá de fato solucioná-la. Estamos em meio a uma discussão sobre o que concerne ou não à mulher, sua transgressão, impotência, incapacidade de solucionar os próprios conflitos... Tanto a morte de Juliana quanto a de Luísa são devido a doenças, mas em ambas está presente o componente masculino no clímax: Como já destaca Teresa Cristina Cerdeira⁹⁹ sobre a morte da protagonista,

(...) O romance fornece-lhe a única saída digna dentro da moral burguesa – a doença que a mata -, evitando, por um lado, a violência do crime passional que comprometeria a máscara de benevolência dos demais personagens envolvidos na trama, garantindo coerência interna ao romance por fugir do suicídio que a frágil psicologia da personagem não suportaria. Luísa é sempre passiva, até na forma de escapar à culpa e à vergonha. O enfraquecimento moral mata-a lentamente, até que a febre moral dá cabo dela. Antes, porém, de morrer, outra forma de punição – mais evidentemente sócia, apesar de travestida em cuidados médicos extremos – a atinge. Incapazes de lutar eficazmente contra a doença, os médicos impõem-lhe o corte de cabelos – significante cultural da vítima sacrificial – que lhe deixaria o crânio limpo e liso, raspado a navalha, espécie de mórbida purificação dos pecados que a atinge na beleza, móvel, afinal do crime do adultério.¹⁰⁰

Uma parte da punição de Luísa ocorre quando começa a discernir as diferenças entre sua existência concreta e os excertos romanescos da ópera Fausto¹⁰¹ - em meio ao

⁹⁹ CERDEIRA, 2000.

¹⁰⁰ Idem, p. 59.

¹⁰¹ Cf. BELLINE, 1997, p. 524.

espetáculo, uma ária suscita a lembrança de Basílio, e este pensamento por sua vez remete ao desespero por saber o que se passa nesse preciso momento em sua residência, na qual Sebastião tentaria reaver as cartas com Juliana.

Convém destacar um aspecto interessante na segunda parte do enredo, a partir da chantagem de Juliana e partida de Basílio: como citado muitas vezes por Machado de Assis, o que incomoda Luísa não são quaisquer arrependimentos de ordem ética ou moral e sim puramente o temor da *sanção*, do castigo de Jorge e/ou da sociedade. Luísa não quer tornar-se uma exilada da vida em sociedade, a exemplo de Leopoldina, e muito menos está resignada com a hipótese de vir a ser punida com a morte pelas mãos do marido ofendido em sua honra, tal como ocorre nos romances que tanto aprecia.

Em “Fulgurações e Ofuscações de Eros – *O Primo Basílio*”, Isabel Pires de Lima¹⁰² reflete sobre a tentativa de Luísa de compreender sobre o que a impele aos braços do primo, destacando a vacuidade da experiência amorosa na ficção queirosiana. Estando a experiência amorosa fadada ao gozo imediato e posterior arrefecimento e sanção, dadas tanto pela convenção social quanto pela autopunição, o que poderá Luísa fazer senão tratar de resguardar as aparências e assim “anular” seu comportamento anterior com o primo? Apenas as cartas testemunham e são capazes de reviver, na imaginação dela própria ou na de Jorge, esses momentos irrecuperáveis – somente a existência dessas provas suscita a censura; somente elas podem seguir com o conflito motor do adultério, uma vez que o sentimento propriamente dito, se é que existira, já havia arrefecido. Luísa não luta para permanecer com o primo; luta para permanecer com a aparência de esposa irrepreensível.

¹⁰² LIMA, 1997.

Essa tentativa convulsiva de Luísa encontra certo aparato em seu duplo, a irreverente Leopoldina, que se ressentia das demais senhoras “decentes” da sociedade por haverem-na exilado, pelo fato de não ocultar seus constantes relacionamentos extra-conjugais. Leopoldina tem a entrada interdita na residência de Luísa e Jorge, pois é a “Pão e Queijo”, alimento ao qual todos têm fácil acesso. O contraponto à Leopoldina, por sua vez, é a figura de Dona Felicidade, cuja sexualidade inexplorada a conduz à obsessão fetichista pela calva do Conselheiro Acácio. São dois exemplos extremos, o da lascívia e indiscrição e o da castidade forçada, dos quais Luísa quer afastar-se – e dos quais resulta por tornar-se, de certa forma, uma síntese, um meio-termo. Fortuitamente, as duas têm funções cruciais na concretização da infidelidade da esposa, Leopoldina por inflamá-la com seus relatos e Felicidade, ainda que sem o saber, servindo como álibi para as saídas vespertinas de Luísa ao “Paraíso”.

Criada pela mãe algo omissa, longe se ser salvaguardada por uma vasta quantidade de exemplos morais e argumentos, com uma educação bastante lacunar condizente à época da ação, Luísa, ao ser exposta à primeira “tentação”, torna-se um entretenimento eficiente para o primo e é descartada no preciso momento em que deixa de sê-lo.

Luísa está sob o jugo de uma instituição maior, que tolhe seus atos e vontades: na adolescência, a figura da mãe, que ela e o primo aguardavam adormecer para praticar as “liberdades” no sofá. Essa mesma mãe, alegrando-se com o casamento da filha, um verdadeiro “descanso” para si, transmite essa autoridade para Jorge, que não admite que nada na casa seja alterado, a fim de conservar a memória da falecida mãe. Se o espaço simbólico ao qual Luísa quer ascender é a casa, pode-se dizer que falha completamente.

Assumindo-se a acepção da retórica como a arte da persuasão, ou seja, do uso da linguagem com o intuito de (de)mover o outro, Luísa, como vimos por meio de suas cartas, deixa entrever que não possui esse dom, seja oral ou verbalmente. Após uma acalorada recriminação por parte do marido, sobre a presença da amiga em sua casa, Jorge por fim lhe dá a oportunidade de contra-argumentar (ou corroborar) seu ponto de vista:

- Ora vamos, Luísa, tenho ou não tenho razão?

Luisa punha os brincos, ao espelho, atarantada:

-Tens. – disse.

- Ah! Bem!

E saiu, furioso.

Luisa ficou imóvel. Uma lagrimazinha redonda, clara, rolava-lhe pela asa do nariz, muito doloridamente. Aquela Juliana! Aquela bisbilhoteira! De má! Para fazer-lhe cizânia!

Veio-lhe então uma cólera. Foi ao quarto dos engomados, atirou com a porta:

- Para que foi você dizer quem estava ou deixou de estar?¹⁰³

Incapaz de dialogar com o esposo, a quem é hierarquicamente inferior segundo os parâmetros da época, Luísa vinga-se despejando sua intempérie emocional sobre quem lhe é socialmente inferior. A estrutura de instâncias que cerceiam o arbítrio de outrem somente será invertida, neste romance, quando Juliana tomar para si o controle da casa e Luísa, por sua vez, passar a conduzir a vida íntima do casal, praticando com Jorge os diferenciais aos quais tivera acesso através das práticas com Basílio, em uma subversão dos parâmetros considerados na época como “aceitáveis” que só poderia acarretar tragédia, com a morte das citadas protagonistas femininas.

¹⁰³ QUEIRÓS, 1997, pp.31-32.

Contudo, antes do final patético, muitas peripécias ocorrerão no enredo, que evidencia o *status* social e a formação intelectual usual da mulher nesta sociedade. Por exemplo, nos primórdios da sedução da prima, Basílio entrega-lhe um presente muito peculiar – um crucifixo. Após afirmar que conhecera o papa em pessoa, “um velhinho muito asseado, já todo branquinho, vestido de branco, muito amável!”¹⁰⁴, ele entrega-lhe uma pretensa relíquia trazida pelo patriarca de Jerusalém e presenteada pelo bispo de Roma. No entanto, se o objetivo de Basílio era ofuscar Luísa com presentes hiperbólicos, falhou, pois este esbarra em uma das lacunas da educação da prima: a falta de crença religiosa. “- Não sou muito caturra nessas coisas”¹⁰⁵, responde ela, zombando. Assim, a ausência da exemplaridade presente na moral católica aparece como um dos fatores que interferem na conduta da personagem principal.

Luísa não frequenta a igreja, exceto para despistar o Conselheiro Acácio quando casualmente o encontra uma vez em seu caminho ao Paraíso, não ora (inclusive porque não sabe com que linguagem dirigir-se-ia a Deus) e, portanto, não possui o respaldo de quaisquer crenças ou códigos morais para deles apropriar-se como escudo ante o assédio do ex-noivo, com o qual tem um pacto de *prazer e entretenimento*, em essência, o mesmo proporcionado por suas leituras de *A Dama das Camélias* de Dumas Filho e *Ivanhoé* de Walter Scott, assim como o de sua relação com a amiga Leopoldina. Fugir à ociosidade e ao tedioso cotidiano de uma casa que não é governada por si própria é o caminho enveredado por Luísa.

Outra personagem feminina pode servir-nos de parâmetro na discussão sobre a exemplaridade da religião em *O Primo Basílio*: trata-se de Felicidade. Embora não se trate de uma carola por excelência, Felicidade é quem mais se aproxima do perfil de senhora

¹⁰⁴ QUEIRÓS, 1997, p. 65.

¹⁰⁵ Idem, *ibidem*.

religiosa de meia-idade, cuja sexualidade reprimida volta-se a objetos simbólicos algo fálicos, como a calva de Acácio. Apesar de declarar-se católica e frequentar a igreja, em desacordo com os preceitos cristãos, volta-se para o misticismo pagão ao tentar encomendar um “trabalhinho” que a ajude a conquistar seu objeto de desejo, o Conselheiro, que por sua vez vive (in)discretamente amancebado com sua criada. Ao aceitar a inutilidade de seus esforços em conseguir uma união conjugal, Felicidade por fim opta pela reclusão em um convento, ocultando sua desilusão amorosa em uma vocação que nada mais é do que uma piada para um leitor atento a seus diálogos com Luísa, nos quais seu discurso assemelha-se ao de uma adolescente apaixonada e constantemente incomodada pelos hormônios.

Se o sexo (esclarecidamente fora do casamento e negando-se a fins reprodutivos) é subvertido tendo como fim último o prazer, por si só, este é um ato passível de punição, tanto no discurso ficcional de *O Primo Basílio* quanto no dogma católico. Além da questão da educação da mulher e da importância da religião na formação da mulher, parece que surge aqui outro ponto que nos interessa: o aspecto do destino enquanto dado indiscutível e inevitável no desfecho da personagem. Luísa e Juliana morrem, por desejarem algo além de suas respectivas alçadas; tal é o veredito do fado, sempre no sentido de *corroborar a ordem* pré-estabelecida da sociedade.

Se a personagem Luísa não possui força de expressão, seu criador, por outro lado, causou bastante rebuliço nos meios literários ao lançar a obra – talvez porque crítica e público estivessem mais habituados à literatura produzida em moldes mais semelhantes à *Virgem da Polónia* (1947) escrita pelo Conselheiro Bastos, um dos romances mais vendidos em Portugal nas décadas de 50 e 60 do século XIX, no qual uma abnegada donzela emprega toda a sua fortuna e saúde em “benefício” da salvação das almas de

praticantes de práticas e religiões que não a católica, por ela tida como única e verdadeira. Por outro lado, a literatura de outro autor igualmente popular, Camilo Castelo Branco, desvela um mundo de corrupção clerical (lascívia, vingança, gula, ira, preguiça...) e, na contra-mão da tendência da degenerescência, personagens como a Marcolina de *Coração, Cabeça e Estômago* (1862), falecendo melodramaticamente como cristãs após expurgarem seus pecados (sempre cometidos devido ao erro ou ganância de outrem ou em benefício alheio). Resultava difícil, portanto, obter-se um modelo de exemplaridade fácil de ser seguido, sem grandes riscos pessoais, na literatura do século XIX. Como destaca Beatriz Berrini, em “Os prefácios ensaísticos de Eça de Queirós”,

Os pareceres contrários, entretanto, não impediram a divulgação dos romances [*O Primo Basílio* e *O Crime do Padre Amaro*] e sua recepção entusiástica pelo público português e brasileiro. Acrescente-se mais uma observação: tinha Eça perfeita consciência da realidade social: se os críticos caturras, com suas restrições, pretendiam salvaguardar a moral familiar, proteger inocentes donzelas, o nosso romancista apoiado em Feuillet, (que ele qualifica de ‘castíssimo e idealíssimo’) afirmava que, quando estas virgens pudicas, todas de branco, estão juntas, num canto da sala, têm conversas qui feraient rougir um singe, que fariam corar um macaco! – animal que era considerado a mais obscena das criaturas.¹⁰⁶

Parece que Eça tinha suas ressalvas quanto ao modelo de donzela estandardizado oitocentista, ou talvez no conceito de exemplaridade mimética desse tipo de personagem, que não suscitaria a ânsia do público de imitá-lo. Prefere expor seu repúdio às bases mal erguidas da sociedade que vitupera através de um exemplo negativo, a ser rechaçado, como uma advertência aos leitores a respeito da luxúria e da imbecilidade intelectual. Como destaca João Medina, o assunto forneceu amplo material para artigos jornalísticos

¹⁰⁶ BERRINI, 1997, p.117.

de Eça, antecipando as discussões a serem posteriormente trabalhadas no romance de 1878:

Quanto á mulher, seu papel na sociedade, sua condição e função social, Eça dedica páginas admiráveis de lucidez e atenção sociológicas, que terão seu prolongamento natural nessa verdadeira versão lusa de *Madame Bovary*, ou seja, a criação de Luísa em *O Primo Basílio*. (...) A educação das Luisas, adúlteras ou honestas, nos é explicada com minúcia na sua extensa 'farpa' de março de 1872, intitulada *As Meninas Solteiras*. A sua saúde. Os seus hábitos, modos e atitudes.(...)

Tanto o texto de março quanto este último constituem, por si sós, um dos mais brilhantes estudos sobre a condição feminina no Portugal oitocentista burguês, católico-constitucional. Nele se estuda desde a educação da *menina* até o amor adulto da *mulher*, a condição feminina da burguesia lisboeta, as Luisas que Eça resumirá na paradigmática mulher do engenheiro Jorge, a amante do cínico 'playboy' Basílio de Brito. (...) Partindo do fato de que se considera o adultério como 'um ponto fatal da Natureza' ou 'um facto fatal da moral moderna' Eça interroga-se, no caso desse escolher o segundo termo da alternativa, sobre a necessidade de se fazer uma 'revolução nos costumes tão profunda como foi o cristianismo e nos dê uma outra religião, outra moral, outra família e outro direito'(...).

Educada exclusivamente para o amor, para o casamento, a mulher casa, por fim, e se acha, sobretudo se pertencer às classes ricas, na ociosidade e no tédio, na decepção monótona de uma vida onde, afinal, o tão aclamado amor não entra – a não ser sob a forma de um adultério desconfortante; assim, são só virtuosas as mulheres ocupadas, ou seja, as da pequena burguesia e do proletariado. Socialmente, Lisboa como cidade pobre e sem grandes brios, seria até uma cidade de mulheres virtuosas, ocupadas com a sua casa ou os filhos, *fatigadas*, em suma. Por sua vez, o adultério impõe um *amante* - e este faz parte do cenário burguês e civilizado, ele é um 'bom rapaz', festivamente recebido no seio das famílias, 'invejado até pelos maridos maneitados ao casamento'. Por isso, ter uma *amante* casada é ainda uma necessidade social: o homem que não a tem passa por 'caturra' e 'filósofo' ou 'bicho do mato'. O homem que teve várias amantes sobe à categoria de *leão* – e se teve duelo com marido morto, então, 'fica numa civilização como o tipo perfeito da fina cor dos bravos' - e se *Don Juan* que teve mil e três (Eça escreve 'três mil'...) tem direito a ser cantado pelo poeta e posto em música. Como combater ou verberar o adultério - parece concluir Eça – se ele, afinal, deriva da própria decadência do matrimônio como instituição social' - além de ser a consequência tima de uma educação que prepara a mulher exclusivamente para o Amor? *O Primo Basílio* (como *Alves & Cia*) mostrará como o jovem e solteiro Eça ficou agarrado a essas reflexões de 1872 sobre os erros e as taras da educação e da função social da mulher portuguesa, paradigma da mutilação de um ser nas aras de uma sociedade hipócrita e viciada.¹⁰⁷

¹⁰⁷

MEDINA, 2000, pp.158-163.

Medina vai apontar, ao longo de sua análise da produção jornalística de Eça, o quanto as questões chave de *O Primo Basílio* (adultério, educação da mulher, condição feminina) eram de notável importância nas produções anteriores de Eça de Queirós. O que está implícito nessa apreciação é a postura (tanto de Eça quanto de Medina) de partir-se da premissa de que a mulher só se torna um ser atuante mediante uma formação e sua ociosidade nada pode gerar além de luxúria. Não se consideram poder de decisão e livre arbítrio próprios, personalidade, caráter, forma de raciocínio individual (independente de criação familiar e educacional, etc.).

A concepção do sexo, igualmente, deve ser problematizada, bem como o fato de se exaltar o homem por praticá-lo e a mulher ser exilada do convívio social¹⁰⁸ no caso de sua vida sexual transpor os limites da vida conjugal ou tornar-se de conhecimento coletivo. Ocorre que exercer a sexualidade sem fins reprodutivos, eroticamente, é algo imensamente condenável segundo a moral católica, instituição essa apresentada por Eça como incapaz de fornecer ao indivíduo oitocentista o menor apoio prático na formação e posterior inserção na sociedade, antes legando-o a formas mais decadentes e problemáticas ainda de encarceramento, tais como o casamento (dada sua configuração no romance de 1878).

Eça não está atacando a Igreja Católica em si, enquanto doutrina, e sim expondo sua ineficiência como instituição, pois falha em fornecer a exemplaridade para a educação feminina e o bálsamo, o suporte que auxilia a resgatar indivíduo enveredado em direção à degenerescência moral. Trata-se de uma visão na qual a religião é perscrutada desde uma acepção pragmática, com vistas no que pode ou não realizar sobre o sujeito,

¹⁰⁸ Lembremos a pouca atenção dispensada, no romance, ao caso de Jorge com a mulher do estaqueiro, contrastando com o escândalo e reverberações geradas pelo procedimento indiscreto das infidelidades de Leopoldina.

atuando sobre o comportamento do mesmo na sociedade. Podemos notar, ainda, que há um componente bastante próprio de intervencionismo do intelectual de Letras nessa discussão.

Considerações Finais

O que se buscou neste trabalho foi expor o quanto *O Primo Basílio* é um romance rico em apresentar o panorama do universo feminino lisbonense na segunda metade do século XIX.

De acordo com a sociedade inglesa vitoriana - tida como padrão *standard* de civilização e refinamento na Europa Ocidental durante várias décadas - baseada no puritanismo anglicano, cada hora do dia deveria ser empregada de maneira útil (pragmaticamente), produtiva (materialmente) e proveitosa (espiritualmente). Parece-nos que, em convergência com esta perspectiva, pode-se inserir o modelo ficcional queirosiano no qual a ociosidade e a falta de perspectiva não conduzem senão à degenerescência, que culmina em tragédia sobretudo para a mulher e, em âmbito mais amplo, para a nação lusitana, repleta de tipos ociosos como Basílio e Luísa, convergindo para a luxúria nos braços um do outro, em meio a um seco verão em Lisboa.

Como vimos ao longo deste trabalho, um dos pontos que parecem desmotivar parte da crítica da obra de 1878 desde o fim do século XIX é o descritivismo, por vezes tido como “desnecessário” e “exagerado”; entretanto, deve-se sublinhar, para além do *explícito, o quanto o *não dito*, o não perscrutado, as entrelinhas fornecem amplos materiais de estudo. Quando Luísa sucumbe, embora sua enfermidade tenha sido alvo de aproximadamente trinta páginas, o faz sem proferir uma palavra, no mais absoluto mutismo. O narrador volta-se para Jorge a fim de explorar os efeitos do padecimento da esposa neste, antes que na própria. Não há como lhe penetrar o sofrimento – Luísa

encontra-se em uma sociedade em que seu valor é idêntico ao de um cavalo¹⁰⁹; isso explica, de certo modo a opção por descrever uma lampreia de ovos em forma de monstro a fim de suscitar o asco do leitor, já que a agonia de Luísa provavelmente não demoveria grande parte do público alvo – prioritariamente masculino.

Cabe rememorar que, dada esta configuração do meio, a mulher e seu universo interior tornam-se questionáveis nos materiais de estudos do século XIX, dada a tendência a diminuir seu *status* de ser humano, adulto e complexo. Como destaca Irene Vaquinhas,

Idéias preconcebidas e representações ideológicas da natureza feminina entravam igualmente a objectividade das estatísticas, em especial as judiciais, conduzindo a informações tendenciosas, e de que é exemplo significativo a interpretação que era feita da fraca criminalidade feminina. Para os autores oitocentistas, esta não era mais do que a tradução da inferioridade física e intelectual das mulheres. As características da “fragilidade física”, “timidez moral” e “dependência social” que se lhes atribuíam reflectiam-se, ao nível do aparelho judicial, numa particular indulgência, reservando-lhes os tribunais um estatuto de menoridade e uma responsabilidade atenuada no cometimento de actos ilícitos, sem paralelismo com o sexo oposto. Escassez e subjectividade dos dados confluíam, pois, em resguardar o sexo feminino do olhar dos outros, incluindo os historiadores. Um fenómeno a que as próprias mulheres não foram alheias... Ao interiorizarem os valores da discrição e do pudor, facilitaram o seu auto-ocultamento.¹¹⁰

Nota-se uma tendência – posta em prática inclusive pelas próprias mulheres, como bem destaca a pesquisadora portuguesa – de incorporar à sua imagem a ideia de inferioridade em relação ao homem em diversos aspectos, como por exemplo a falta de poder de decisão, a destreza e o manejo social, inteligência prática, capacidade de

¹⁰⁹ Jorge pensava em comprar um cavalo antes de conhecê-la, por acaso, no Passeio Público; Basílio, por sua vez, tem a foto da prima ao lado da de um equino em sua algibeira.

¹¹⁰ VAQUINHAS, 2000, p.85.

reflexão abstrata, habilidade ao evitar tentações e comportamentos nocivos, inadequados. Isso acarretaria uma falta de responsabilidade e inclusive incapacidade de arcar com os próprios atos, como vimos no que concerne à criminalidade.

Lembremos os artigos jornalísticos de Eça, que, como vimos, parecem apontar a uma concepção infantilizada da mulher. Não é por acaso que nesses ensaios fala-se em “formação”, “educação” e nunca em “discussão”, “reflexão”. Evidentemente, nesta concepção a mulher é formada *pelo* e *para* o homem; o fim último da educação feminina (realizada pela mãe, supervisionada pelo pai) bem-realizada da época idealizada por Eça é um casamento saudável, sem resquícios de tendências “mórbidas”, regados a caldos bem preparados, cômodos bem arejados e celibato quando da ausência da figura marital.

A tradição judaico-cristã incumbiu-se de configurar, canonicamente, a imagem da mulher demonizada, responsável pela perdição do homem e corrupção de sua natureza originalmente desprovida de pecado. Adão¹¹¹, David¹¹² e Salomão¹¹³ são exemplos bastante conhecidos de homens que perderam, em definitivo, temporariamente ou em parte, as graças e o favorecimento de Javé por suas transgressões, realizadas em favor de um ser humano do sexo feminino. Contraditoriamente, há também mulheres como Esther¹¹⁴, Ruth¹¹⁵ e Judith¹¹⁶, responsáveis pela salvação de seus povos ante a destruição iminente, e conseqüente aniquilação da tradição hebraica, o que há de mais temível para um judeu. O exemplo que mais nos cabe nesta análise é o de Esther, que, juntamente com seu povo, jejuou durante três dias e três noites, ungiu sua cabeça com

¹¹¹ Gênesis: 2,3.

¹¹² Samuel: 11-13.

¹¹³ Reis: I, 11.

¹¹⁴ Esther: 1-10.

¹¹⁵ Ruth: 1-4.

¹¹⁶ Judith: 1-15.

cinzas e poeira e vestiu-se unicamente de panos de saco para, ao fim deste período de prostração a Javé, ajoelhar-se bem-vestida e perfumada ante o rei, pedindo por sua vida e a de todos os judeus. Na narrativa bíblica, ainda que pertencente à classe dos *naviim*¹¹⁷, a mulher deve humilhar-se primeiramente ante Deus e, logo, a algum ser humano do sexo masculino que deverá intermediar ou realizar a ação necessária para a salvação.

A intencionalidade e a oportunidade são fatores-chave nesses mitos e o mesmo ocorre no romance, no qual um elemento perturbador da ordem interpõe-se em meio ao marasmo do relacionamento conjugal, em constante tensão pelos caprichos burgueses insatisfeitos e ociosidade de Luísa, bem disposta portanto para provar da maçã proibida; ela não apresenta, de forma alguma, o respaldo da fé das figuras míticas femininas para lutar contra a degenerescência que a envolve e aos seres que a cercam.

Com isso não estamos classificando a tendência de Eça ao tratar do assunto como reacionária; ao contrário, o ato de dispensar atenção, reiteradamente, ao tema e expor os equívocos do quase adestramento imposto à personagem em seu romance, pode-se dizer que se trata de um avanço significativo, tendo em vista a práxis em voga de legar às questões práticas femininas um silêncio condizente com sua insignificância. Da mesma forma, ao zelar pela inserção do que chama de “hábitos saudáveis” no horizonte doméstico feminino, Eça está concedendo importância à atuação da mulher na sociedade.

Tais aspectos estão presentes em Luísa: na maneira como Jorge a encarava antes da fatídica viagem, no modo como Sebastião imputa a Basílio toda a responsabilidade pelo falatório da vizinhança (sem atinar que, mesmo que assim fosse, este teria obrigatoriamente que contar com o consentimento da prima) e na maneira como Basílio passa a desrespeitá-la quando a crê já “caidinha”. As únicas que parecem notar o real

¹¹⁷ Em hebraico, profeta ou outro ente por intermédio do qual Deus dirige-se a seu povo.

potencial da mulher são as próprias personagens femininas – assim, Felicidade é capaz de buscar uma feiticeira para conseguir um marido (condição essencial para exercer respeitosamente sua já quase senil sexualidade), a tia Vitória ganha a vida lidando com prostitutas, chantagistas e outros membros marginalizados da sociedade, Luísa e Leopoldina buscam saída ao tédio por meio de envolvimento sexual diversos (para ao fim atinarem, desanimadas, sobre a vacuidade e consequências desagradáveis dessas relações) e, é claro, Juliana, consciente dos atos de sua patroa, vale-se da produção escrita usurpada da mesma para quitar-lhe o respeito, já que não conseguiu o dinheiro, invertendo a hierarquia. Convém chamar a atenção para o dado de todos os exemplos acima portarem a característica da *subversão*; há algo escuso, inadequado, que *deve* ser ocultado dos demais, todas as vezes nas quais a mulher visa escapar ao jugo da moral *standard* estabelecida.

Se Carlos Reis¹¹⁸ destaca que na produção ficcional de Eça, a partir de *Os Maias*, torna-se claro o anti-projeto positivista queirosiano de problematizar a questão do cientificismo, apresentando-se o fado como motor da tragédia (o que estaria em contradição com o Determinismo e a causalidade naturalistas), neste trabalho buscou-se expô-los em *O Primo Basílio* enquanto forças motrizes em constante tensão, e sua interação fazendo a personagem feminina sofrer a manipulação de ambas. Isso expõe em larga escala a fragilidade da mulher nessa sociedade, pois ela, desde logo, está exposta a tudo, tornando-se vulnerável a ambos, fado e causalidade: ainda quando empreende esforços para burlá-los - pois Luísa e Juliana nada mais fazem ao longo do enredo – surge a imprevisibilidade do acaso em um evento a fim de *corroborar* a ordem social estabelecida. Não há como subverter a estrutura hierárquica, portanto; tanto a lei dos

¹¹⁸ REIS, 1975.

homens quanto o que poderíamos intitular como a instância do “sobrenatural”, entendido como evento além da lógica da causalidade, convergem para o fim comum de aplastar transgressões femininas.

Desta forma, Juliana não conseguiria de forma alguma ocupar o espaço social de “patroa” fora dos limites da casa do engenheiro, onde a moral burguesa, ao não ser observada pela esposa, acarreta desde logo uma drástica inversão; Joana não poderia desfrutar de seus encontros ocasionais com o padeiro sem padecer dos comentários venenosos do Paula e da própria Juliana, que intimamente a inveja; Leopoldina não poderia gozar da atenção do marido e da respeitabilidade da sociedade, sendo *a priori* filha do devasso conde de Quebrais; Felicidade, tampouco, nunca daria vazão a seus instintos lúbricos transferidos para a figura fálica da calva do Conselheiro Acácio.

Finalmente, inserida nessa mesma perspectiva, Luísa jamais poderia ter o prazer vivenciado com Basílio em seu relacionamento conjugal com Jorge, pois é a emoção de transgredir, de provar uma ainda que dissimulada liberdade, de desviar-se do *common sense* burguês que propicia a excitação. Isso, somado ao medo de que Jorge a assassine, ao desprezo de Basílio que, já fatigado, parece corroborar a tese schopenhaueriana de que qualquer mulher atrai mais o homem do que a que já possui, e a toda uma configuração social de excluídos e desvalidos (que ela esforça-se em ignorar ao longo de seus 25 anos de vida, mas que ao fim surge para obrigá-la a encará-los e a expiar suas penas ocupando o lugar de prestação de serviços “indignos”), revelam que o Paraíso ao qual ansiava, definido pela plenitude e satisfação está, *a priori*, vazio, pois não há espaço ao qual uma mulher possa ascender.

Bibliografia

ABDALA Jr, Benjamin. “Eça de Queirós, entre a observação, a experiência e a imaginação: repertório realista em trânsito”. *Revista Semear* - número 6, Rio de Janeiro, 2002. pp. 41-57.

ABDALA Jr, Benjamin (org.). *Ecos do Brasil: Eça de Queirós, leituras brasileiras e portuguesas*. São Paulo: Editora SENAC, 2000.

ABDALA Jr, Benjamin. *Eça de Queirós*. São Paulo: Nova Cultural, 1990.

AMARAL, Glória Carneiro. “O *Primo Basílio* n’O Besouro – Um Aspecto da Recepção do romance no Brasil”. In: MINÉ, Elza. (org.). *150 Anos com Eça de Queirós*. São Paulo: Centro de Estudos Portugueses, 1997, pp. 212-219.

ARISTÓTELES, HORÁCIO, LONGINO. *A Poética Clássica*. São Paulo: Cultrix, 1981.

ASSIS, Machado de. “*Primo Basílio*”. In: *Crítica Literária*. Rio de Janeiro: W. M. JACKSON Inc. 1944, pp.160-186.

AUERBACH, Eric. “Germinie Lacertaux”. In: *Mimesis: A Representação da Realidade na Literatura Ocidental*. São Paulo, Perspectiva, 1994.

AUERBACH, Eric. “Na mansão de la Mole”. In: *Mimesis: A Representação da Realidade na Literatura Ocidental*. São Paulo, Perspectiva, 1994.

BALANCIN, Euclides e STORNILOLO, Ivo (trad.). *A Bíblia Sagrada*. São Paulo: Edição Pastoral, 1990.

BELLINE, Ana Helena Cunha “Leituras de Luísa.” In: MINÉ, Elza (org.). *150 Anos com Eça de Queirós*. São Paulo: Centro de Estudos Portugueses, 1997, pp. 521-26.

BERRINI, Beatriz. “Os prefácios ensaísticos de Eça de Queirós” In: *In: MINÉ, Elza (org.) 150 anos com Eça de Queirós*. São Paulo: Centro de Estudos Portugueses, 1997, pp.113-119.

BERRINI, Beatriz. *Portugal de Eça de Queirós*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1982.

CAL, Guerra da. *Língua e Estilo de Eça de Queirós*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969.

CAMPOS, A. Matos. *Dicionário de Eça de Queirós*. Lisboa: Caminho, 1988.

CANDIDO, Antonio. “Eça de Queirós, passado e presente”. In: ABDALA Jr, Benjamin (org.). *Ecos do Brasil : Eça de Queirós, leituras brasileiras e portuguesas*. São Paulo: Editora SENAC, 2000. pp. 11-22.

CANDIDO, Antonio. “Entre o campo e a cidade”. In: *Tese e antítese*, São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978.

CANDIDO, Antonio. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1968.

CARVALHO, Mário Vieira de. “A Música e o Cosmopolitismo da Capital”. In: MINÉ, Elza (org.) *150 Anos com Eça de Queirós*. São Paulo: Centro de Estudos Portugueses, 1997.

CERDEIRA, Teresa Cristina. *O avesso do bordado*. Lisboa: Caminho, 2000.

COELHO, Jacinto do Prado. *Dicionário de Literatura Portuguesa, Literatura Brasileira, Literatura Galega e Estilística Literária*. Lisboa: Cia. Brasileira de Publicações, 1969.

CORTÁZAR, Julio. “Continuidad de los Parques”. In: *Final del Juego*. Buenos Aires: Sudamericana, 1969. COSTA, Joaquim. *Eça de Queirós, criador de realidades e inventor de fantasias*. Porto: Livraria Civilização, 1945.

DAVID, Sérgio Nazar. *O Século de Silvestre da Silva*. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2007

DUARTE, Maria Rosário Cunha. "A Inscrição da Leitura na Ficção Queirosiana: O *Primo Basílio*." In: MINÉ, Elza (org.). *150 Anos com Eça de Queirós*. São Paulo: Centro de Estudos Portugueses, 1997, pp. 348-54.

FARO, Arnaldo. *Eça e o Brasil*. São Paulo: EDUSP, 1977.

FERNANDES, Maria Lucia. "O entre-lugar de Eça de Queirós na tradição realista". In: SCARPELLI, Marli Fantini e OLIVEIRA, Paulo Fernando Motta (org.) *Os Centenários: Eça, Freyre e Nobre*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2001, pp. 229-237.

FERRETI, Regina Michelli. "Eça de Queirós e a Ilustre casa do desejo feminino". In: MINÉ, Elza (org.) *150 anos com Eça de Queirós*. São Paulo: Centro de Estudos Portugueses, 1997, pp. 685-691.

FIGUEIREDO, Monica. "Os rascunhos de um projeto: *O Primo Basílio*". In: *No corpo, na casa e na cidade, a ficção ergue a morada possível*. Dissertação de Doutorado em Literatura Portuguesa apresentada à Coordenação de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 2002.

FIGUEIREDO, Roseana Nunes Baracat de Souza. *Luísa e Capitu: Faces Femininas do século XIX*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do grau de Mestre em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa. São Paulo: 2001.

FRANCHETTI, Paulo. "O Primo Basílio e a Batalha do Realismo no Brasil." In: *Atas do Segundo Colóquio do PPRLB-2004*. <http://www.realgabinete.com.br/coloquio/autor>

FREELAND, Alan. “ ‘Playing the game’ – Eça e o Ideal Vitoriano do Carácter”, *In*: REIS, Carlos (org.). *Actas do Congresso de Estudos Queirosianos - IV Encontro Internacional de Queirosianos*, volume I. Coimbra: Almedina, 2002.

FREUD, Sigmund. *O chiste e sua relação com o inconsciente*. Rio de Janeiro: Delta, 1977.

FRYE, Northop. *O caminho crítico*. São Paulo: Perspectiva, 1973.

GAY, Peter. *A experiência burguesa: da rainha Vitória a Freud*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

HAUSER, Arnold. *História social da literatura e arte*. São Paulo: Mestre Jou, 1987.

LIMA, Isabel Pires de. “Fulgurações e Ofuscações de Eros – O Primo Basílio”. *In*: MINÉ, Elza (org.). *150 Anos com Eça de Queirós*. São Paulo: Centro de Estudos Portugueses, 1997.

LOPES, Oscar. “Efeitos de polifonia vocal n ‘O Primo Basílio’”. Comunicação apresentada no I Encontro Internacional de Queirosianos, Porto, 22 e 25 de novembro de 1998, e incluso nas respectivas *Actas...*, ed. Asa, Porto, 1998, pp. 109-116.

LUKACS, Georg. *Realismo Crítico Hoje*. Brasília: Coordenada, 1969.

LUZES, Pedro. *Sob o manto diáfano do realismo – psicanálise de Eça de Queirós*. Lisboa: Fim de Século, 2001.

LUZES, Pedro. “Vida Erótica de Eça de Queirós e a Crise de 1878.” *In*: MINÉ, Elza. (org.). *150 Anos com Eça de Queirós*. São Paulo: Centro de Estudos Portugueses, 1997, pp. 477-486.

MACHADO, Álvaro Manuel. “Eça e o Decadentismo: uma estética da ambigüidade.” *In*: MINÉ, Elza (org.). *150 Anos com Eça de Queirós*. São Paulo: Centro de Estudos Portugueses, 1997, pp. 45-54.

- MEDINA, João. *Eça de Queirós, Antibrasileiro?* São Paulo: EDUSC, 2000.
- MEDINA, João. *Eça Político*. Lisboa: Seara Nova, 1974.
- MEYER, Augusto. “O romance machadiano: o homem subterrâneo”. *In: Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Presença/ INL/MEC, 1975, pp. 357-362 .
- MEYER, Marlyse. *Folhetim: Uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- MINÉ, Elza (org.). *150 Anos com Eça de Queirós*. São Paulo: Centro de Estudos Portugueses, 1997.
- NASCIMENTO, José Leonardo. *O Primo Basílio na Imprensa Brasileira do século XIX - Estética e História*. São Paulo: UNESP, 2007.
- ORTIGAO, Ramalho e QUEIRÓS, Eça de. “ As meninas alunas do Liceu e suas Mestras”. *In: As Farpas – volume VIII*. Lisboa: Clássica, 1986, pp. 121 – 134.
- QUEIRÓS, Eça de. “As meninas da geração nova em Lisboa e a Educação Contemporânea”. *In: Obras Completas – volume III*. Porto: Lello & Irmãos, 1979, pp. 1200-1214.
- QUEIRÓS, Eça de. *Homens e idéias do século XIX*. Rio de Janeiro : Dois Mundos, 19--
- QUEIRÓS, Eça de *O Primo Basílio*. São Paulo: Klick, 1997.
- QUEIRÓS. Eça de. “Positivismo e Idealismo”. *In: Notas Contemporâneas*. Porto, Chardron, 1913, pp. 272-273.
- ROSA, Machado da. *Eça, discípulo de Machado?* Lisboa, Presença, 1979.
- REIS, Carlos. *Estatuto e perspectivas do narrador na Ficção de Eça de Queirós*. Coimbra, Almeida, 1975.
- REIS, Carlos. *Estudos queirosianos. Ensaios sobre Eça de Queirós e sua obra*. Lisboa: Editorial Presença, 1999.

REIS, Carlos e MILHEIRO, Maria do Rosário. *A Construção da Narrativa Queirosiana – O Espólio de Eça de Queirós*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1999.

SACRAMENTO, Mario. *Eça de Queirós: uma estética da ironia*. Lisboa: Imprensa Nacional, 2002.

SANTIAGO, Silviano. “Eça, Autor de *Madame Bovary*”. In: *Uma Literatura nos Trópicos*. São Paulo: Perspectiva, 1978, pp. 49-65.

SARAIVA, Antonio José. *As idéias de Eça de Queirós*. Lisboa: Bertrand. 1982.

SARAIVA, Antonio José. “O Manto da Fantasia”. In: *A Tertúlia Ocidental*. Lisboa: Gradiva, 1959, pp. 149-157.

SCARPELLI, Marli Fantini e OLIVEIRA, Paulo Fernando Motta (org.). *Os Centenários: Eça, Freyre e Nobre*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2001, pp. 371-381.

SCHOPENHAUER, Artur. “A Metafísica do Amor” In: *A Metafísica do Amor e a Metafísica da Morte*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

SERRÃO, Joel. *Da Situação da mulher no século XIX*. Lisboa: Horizonte, 1987.

SOBREIRA, Luis. “Uma imagem do campo literário português no período romântico através dos best sellers produzidos entre 1840 e 1860”. Artigo apresentado no IV Congresso Internacional da Associação Portuguesa de Literatura Comparada. Évora: 2001.

VAQUINHAS, Irene. “Breve reflexão historiográfica sobre a historia das mulheres em Portugal: o século XIX”. In: *Faces de Eva. Estudos sobre a mulher*, número 3, Lisboa: Colibri, 2000.

VASCONCELOS, Sandra Gardini. *Dez lições sobre o romance inglês do século dezoito*. São Paulo: Boitempo, 2002.

VILELA, Ana Luisa. "Primatas e carnívoros n'Os *Maias*: elementos discursivos do erótico queirosiano a propósito de um ananás comido na Toca." *In: MINÉ, Elza (org.) 150 anos com Eça de Queirós*. São Paulo: Centro de Estudos Portugueses, 1997, pp.57-71.

WATT, Ian "O Realismo Formal e a Forma Romance". *In: A Ascensão do Romance*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

ZOLA, Émile. *O Romance Experimental e o Experimentalismo no Teatro*. São Paulo: Perspectiva, 1982.

ZOLA, Émile. "O Senso do Real". *In: Do Romance*. São Paulo: EDUSP, 2001.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)